

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**CENTRO COMERCIAL DE JUÍNA MT: AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM
GEOGRÁFICA DA AVENIDA MATO GROSSO NO ESPAÇO-TEMPORAL DE 1979
a 2016**

Autora: Irinete Francisca de Lima Gramagol
Orientadora: Prof^a.Ma. Marina Silveira Lopes

JUÍNA/2016

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**CENTRO COMERCIAL DE JUÍNA MT: AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM
GEOGRÁFICA DA AVENIDA MATO GROSSO NO ESPAÇO-TEMPORAL DE 1979
a 2016**

Autora: Irinete Francisca de Lima Gramagol

Orientadora: Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da AJES Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de licenciada em Geografia.”

JUÍNA/2016

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFICA

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marileide Antunes de Oliveira

Prof. Dr. SikiruOlaitanBalogun

ORIENTADORA

Prof^a.Ma. Marina Silveira Lopes

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a meu amado Deus, que me proporcionou a oportunidade de cursar mais um curso superior, pois isso é uma conquista para poucos, à saúde concedida, e a determinação que me deste.

Agradeço aos amigos que conquistei ao longo do curso, aos professores que com paciência e profissionalismo me instigaram a continuar.

Agradeço meus pais João Luiz de Lima e Francisca Maria de Lima por terem acreditado em meu potencial.

Agradeço aos meus filhos por sempre me incentivarem.

Agradeço, infinitamente, ao meu amado esposo Severino Luiz de Lima, que foi um dos responsáveis por essa conquista, sempre me apoiando, me incentivando não deixando que eu desistisse.

Os meus sinceros agradecimentos à minha professora orientadora Marina Silveira Lopes, pelo apoio, dedicação e confiança.

DEDICATÓRIA

Dedico essa monografia a todos os que me deram apoio nos momentos mais difíceis da minha vida, principalmente aos meus familiares, meus filhos e ao meu marido que esteve sempre ao meu lado, aos meus professores que sempre estiveram presentes e prontos para contribuir com meu conhecimento. Obrigada a todos por tudo.

“A má índole associada a falta de educação, leva ao racismo, preconceito, e até a marginalidade”.

Milton Santos

RESUMO

O comércio do século XXI atende as mais diversas necessidades da sociedade, desde as necessárias para o dia a dia até as coisas mais supérfluas. Porém, o comércio nem sempre foi visto e constituído no cenário atual. Para a evolução do comércio, a paisagem geográfica vem sofrendo transformações. No Brasil, a prática do comércio se iniciou ainda no período colonial, começando nessa época as mudanças nas paisagens geográficas devido ao comércio do Pau-Brasil. Juína uma cidade de trinta e quatro anos de emancipação política, localizada no noroeste do estado de Mato Grosso faz parte dessa mudança, onde a paisagem geográfica natural dá espaço à paisagem urbana. Desta forma, buscou-se entender as transformações da paisagem geográfica durante a introdução do comércio na cidade de Juína MT paulatinamente até os dias atuais. Assim, será possível compreender quais aspectos foram positivos e quais foram negativos durante o processo de evolução da cidade e conseqüentemente da paisagem geográfica correspondente ao período de 1979 a 2016 na cidade de Juína MT. Para Tal, optou-se por realizar um levantamento bibliográfico, onde foi possível perceber que as paisagens do município de Juína sofreram transformações em decorrência de sua evolução, sendo essas mudanças necessárias para o seu desenvolvimento e conseqüentemente para o crescimento do comércio, tornando-se necessário a transformação da paisagem natural para a paisagem cultural.

Palavras-chave: Paisagem. Comércio. Evolução. Transformação.

ABSTRACT

The trade in the 21st century meets the diverse needs of the society, ranging from the necessities of life to the more superfluous things. However, trade has not always be seen to constitute the current scenario. Due to trade development, geographical landscape has been undergoing transformations. In Brazil, trade practice began in the colonial era, and it marked the beginning of transformations in the geographical landscape, due to the trade in the Brazil timber (Pau-Brazil). Juína, a city with thirty four years of political emancipation, located in the north western part of the state of MatoGrosso (MT), is also part of this change; where natural geographical landscape has given way to the urban landscape. Thus, we seek to understand the changes in the geographical landscape, of Juína Municipal, over the years up to the present. Thus, it will be possible to understand the positive and the negative aspects during the process of evolution of the city and consequently, of the geographical landscape spanning the period between 1979 and 2016 in the Juína City of MatoGrosso. Towards this end, we opted to undertake literature review. We were able to show that the geographical landscape of Juína Municipal underwent changes during its evolution. Although, these changes are necessary for its development due to its trade growth, that necessitate the transformation of the natural landscape to cultural landscape.

Keywords: Landscape, Trade, Evolution , Transformations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paisagem do período feudal	14
Figura 2 - Mapa das rotas das Cruzadas na Idade Média	16
Figura 01 - Paisagem do período feudal	14
Figura 02 - Mapa das rotas das Cruzadas na Idade Média	16
Figura 03-Feira na Idade Média	17
Figura 04-Feira na Idade Média	20
Figura 05- As grandes navegações na Idade Moderna	21
Figura 06-Estabelecimento da corte Portuguesa em 1808 na cidade do Rio de Janeiro	24
Figura 07- Mudança na paisagem do Rio de Janeiro com as primeiras construções civis	26
Figura 8- Mudança na paisagem do Rio de Janeiro com as construções civis.	27
Figura 09- Imagem das ruas, calçadas e construções da cidade do Rio de Janeiro no século XIX	27
Figura 10-captura aos indígenas na conquista da província mato-grossense..	36
Figura 11-: Mapa do Estado de Mato Grosso.....	38
Figura 12-Engenho de cana-de-açúcar	42
Figura 13-Plantação de soja.....	43
Figura 14- Mapa atual da Avenida Mato Grosso.....	44
Figura 15-Venda de diamante na Praça central da cidade de Juína MT	45
Figura 16-Vista parcial do Módulo 01 em 1979	46
Figura 17-Vista parcial da cidade de Juína MT na década de 90	47
Figura 18-Vista parcial da Avenida Mato Grosso na década de 80.....	48
Figura 19-Vista parcial da Avenida Mato Grosso no ano de 2016	49
Figura 20-Vista do centro comercial na Av. Mato Grosso, com destaque a Loja A Revolução nos anos 80.....	50
Figura 21-Vista do centro comercial na Av. Mato Grosso em 2016, com destaque a Loja A Revolução.....	51
Figura 22-Vista do antigo Banco Bamerindus Juína, localizado na Av. Mato Grosso, na década de 80	52
Figura 23-Vista do Banco Sicredi Juína, localizado na Av. Mato Grosso	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A PAISAGEM GEOGRÁFICA: SOB UMA PERSPECTIVA COMERCIAL PARA OS NEGÓCIOS.....	12
2.1	IDADE MODERNA: SUAS INFLUENCIAS SOCIO HISTÓRICAS NA FORMAÇÃO DAS REDES COMERCIAIS.....	20
3	MUDANÇAS NA PAISAGEM GEOGRÁFICA CARIOCA: UMA CIDADE SEM PALACIOS.....	24
3.1	BRASIL CONTEMPORÂNEO – SUAS INFLUENCIAS COMERCIAIS ATRAVES DA GLOBALIZAÇÃO E O MUNDO VIRTUAL	31
3.2	O COMÉRCIO NAS REGIÕES BRASILEIRAS: UM ENCONTRO DE RUPTURAS COM A PAISAGEM ORIGINAL	33
3.3	MATO GROSSO: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AS EVOLUÇÕES COMERCIAIS DO PERÍODO COLONIAL ATÉ A ATUALIDADE	35
3.4	ENTRE INDÍGENAS, NEGROS E PEDRAS PRECIOSAS: INÍCIO DA COLONIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ESTADO DE MATO GROSSO.....	37
4	METODOLOGIA	40
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO	41
5.1	REGIÃO NOROESTE DO MATO GROSSO: SUAS TRANSFORMAÇÕES PAISAGÍSTICAS TRANSVERSALMENTE AOS AVANÇOS COMERCIAIS.....	41
5.2	JUÍNA: COMÉRCIO ARTICULADOR PARA TRANSFORMAÇÕES PAISAGÍSTICAS TERRITORIAIS.	43
6	CONCLUSÃO	56
	REFERÊNCIAS.....	58

1INTRODUÇÃO

O comércio do século XXI atende as mais diversas necessidades da sociedade, desde as necessárias para o dia a dia até as coisas mais supérfluas. Porém, o comércio nem sempre foi visto e constituído no cenário atual, no entanto sempre foi um encontro de culturas entre as pessoas e os países, sendo movimentado pelas tendências do momento (ROGRIGUES, s/a).

Nessa premissa, para a evolução do comércio, a paisagem geográfica vem sofrendo transformações. No Brasil, a prática do comércio se iniciou ainda no período colonial, começando nessa época as transformações nas paisagens geográficas, devido ao comércio do Pau-Brasil(D'AGOSTINE, *et al*, 2010). Juína, uma cidade de trinta e quatro anos de emancipação política, localizada no noroeste do Estado de Mato Grosso faz parte dessa mudança, onde a paisagem geográfica natural dá espaço à paisagem urbana.

Ao longo dos anos é possível observar a mudança geográfica e a evolução comercial no centro de Juína, mais especificamente na Avenida Mato Grosso, transformação esta, que busca constantemente a difusão do comércio no município, constatando-se a grande mudança ocorrida desde a colonização dessa cidade até os dias de hoje.

A partir dessas conjecturas levantou-se o seguinte problema: Como era a paisagem geográfica desse centro comercial tendo como data o início de sua colonização em 1979 até os dias atuais?

Dessa forma, o objetivo geral buscou entender como ocorreram as alterações da paisagem desse centro comercial, sendo os objetivos específicos mostrar como a Avenida Mato Grosso se tornou centro comercial do município e apresentar quais as implicações geográficas nessa mudança de paisagem natural para paisagem cultural e analisar se está ocorrendo uma descentralização do comércio juinense.

Esse trabalho se justifica pela importância de se discutir a espacialidade do município, assim como as mudanças na paisagem da Avenida Mato Grosso, causada pelo comércio e a busca pelo progresso.

Por ser um trabalho pioneiro, possibilitará aos leitores um novo olhar diante da paisagem urbana do centro de Juína, levando-os a compreender as vastas transformações ocorridas durante anos até se concretizar em uma paisagem cultural, onde a natureza dá lugar ao comércio.

Assim, será possível compreender quais aspectos foram negativos e quais foram positivos durante o processo de evolução da cidade, e conseqüentemente da paisagem geográfica correspondente ao período de 1979 a 2016 na cidade de Juína MT.

Esse trabalho é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, em relação ao processo histórico do município, onde será possível analisar essas transformações fazendo uma comparação através de fotos da época de colonização e da atualidade.

Essa monografia foi estruturada em seis capítulos, sendo o primeiro: O comércio e a paisagem geográfica: uma ponte para os negócios; o segundo: mudanças na paisagem geográfica durante o Brasil colônia; o terceiro: comércio no mato grosso: um breve contexto da colônia à globalização; sendo o quarto a Metodologia, o quinto a análise e discussão dos resultados e no sexto capítulo a Conclusão.

2 A PAISAGEM GEOGRÁFICA: SOB UMA PERSPECTIVA COMERCIAL PARA OS NEGÓCIOS

Segundo Kant a geografia é uma ciência que se fundamenta na observação, sendo, portanto, uma ciência empírica. Seu objetivo está na compreensão entre a interação que se funde em contato com a sociedade e a natureza. O autor enfatiza que a geografia “trabalha com algumas noções básicas tais como posição, orientação, lugar, região espaço, território zonalidade, paisagem, além de outros mais abstratos”, porém a paisagem aparece como destaque de estudo na geografia, pois “expressa a organização do espaço e todo seu aspecto multifacetado (KANT, *apud* CONTI, 2014, p. 2).

Schier(2003), também discute a paisagem geográfica como sendo a interação do ser humano e natureza, para ele a paisagem pode ser entendida em dois vieses, sendo eles a paisagem natural e a paisagem cultural. Portanto:

[...] a paisagem natural refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, rios e lagos e tudo o que ainda não sofreu ainda uma ação antrópica, enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbanos e rurais (SCHIER, 2003, p.2).

Já para Santos (1991) a paisagem é tudo aquilo que nossa visão alcança, seja onde estivermos, sendo o conjunto de todas as coisas que formam a natureza. No entanto, para o autor essa natureza se torna há “cada dia mais culturalizada, mais artificializada, mais humanizada” (MILTON SANTOS, 1991, p. 89). Bertrand (1968*apud* MAMEDE, 2000, p.3), coloca ainda que a paisagem é:

[...] uma porção do espaço caracterizada por um tipo de combinação dinâmica, portanto, instável, de elementos geográficos diferenciados (físicos, biológicos e antrópicos), que reagem dialeticamente uns sobre os outros, fazendo da paisagem um conjunto geográfico indissociável que evolui em bloco, sob efeito das interações de seus elementos e dinâmica própria de cada um (Bertrand, 1968, p. 250 *apud* MAMEDE, 2000, p.3).

Nota-se que existe uma relação entre paisagem natural e cultural, onde essas têm a interferência do ser humano diante dessa modificação. Segundo Milton Santos (1991), existe uma paisagem antes e depois das transformações sofridas pelas ações da sociedade em busca de uma globalização comercial.

O processo das relações naturais e sociais de um determinado espaço e a concepção sobre paisagem é algo existente e intrínseco ao ser humano desde os primórdios. A noção de paisagem vem das artes existentes nas esculturas encontradas em cavernas denominadas de arte rupestre¹, pois dão referências de percepção² e localização (MAXIMIANO, 2004).

As paisagens são diferentes, dependendo apenas da intervenção cultural do ser humano, sendo essas mudanças necessárias para o desenvolvimento das cidades³, Bryto; Souza e Paiva (2012), descreve o comércio como sendo uma dessas mudanças. Para os autores o comércio surgiu pela necessidade de trocas de alimentos entre as pessoas e mais tarde pela troca de bens e serviços por dinheiro.

Na Antiguidade o comércio acontecia por meio do escambo, ou seja, a troca de mercadorias por mercadorias. No decorrer dos tempos essa forma de comércio foi se modificando devido ao grande número de pessoas que constituíam as comunidades. Dessa forma, o escambo não mais satisfazia a necessidade da sociedade, se fazendo necessário criar uma nova forma de se comercializar os bens e serviços que fossem padrão, sendo, portanto uma transação monetária, nascendo o que hoje conhecemos como dinheiro (BRYTO; SOUZA e PAIVA, 2012).

Com a decadência do Império Romano do Ocidente durante o século III, consequência da invasão dos bárbaros germânicos, iniciou um período caracterizado como feudalismo⁴. O feudalismo é considerado o novo modelo econômico, político e social da Idade Média. Assim, após o domínio do Império por esses povos se inicia um grande processo de ruralização e começa a nascerem muitos feudos. Os senhores feudais eram aqueles que detinham o poder e a terra, eles passavam um pequeno pedaço de terra para os servos, onde esses iriam viver da agricultura, sendo parte dessa colheita (excedente) destinada aos senhores

¹Denominamos arte rupestre as pinturas e gravuras feitas sobre paredões rochosos por populações da pré-história (AGUIAR, 2012, p.2).

²Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizados na cultura (TUAN, 2012, p.3).

³[...] a cidade vem sendo pensada ora como quadro físico (um simples mapa aberto na prancheta), ora como meio ambiente urbano (e, nesta dimensão, "naturalizada"), e em ambos os casos, ignora-se o conteúdo da prática sócio-espacial que lhe dá forma e conteúdo (FANI, 2007, p.19).

⁴Feudalismo: Forma de organização comercial e econômica, político e social da Idade Média que se baseava nas relações entre os senhores feudais e os vassallos (MATOS, 1996,p.253).

feudais, que os convertiam em renda indo vendê-los no mercado da cidade (DEÁK,1991).

A mudança da paisagem da Antiguidade para a Idade Média acontece no decorrer das transições e crescimento do comércio, iniciando-se com as primeiras trocas, o crescimento das cidades e o fortalecimento das rotas marítimas, a qual facilitava as transações comerciais. Observa-se que a terra (feudo) na Idade Média era a única economia medieval, sendo fonte de renda dos senhores feudais e dos servos para sua subsistência (Figura 01).



Figura 01 - Paisagem do período feudal
Fonte: <<http://conradopaisagismo.com.br>>

Com o desenvolvimento do comércio, muitos europeus deixaram a zona rural e foram viver dentro dos burgos (designa geralmente uma cidade comercial, que se desenvolvia fora das muralhas do núcleo urbano primitivo entre os séculos IX e X e em seguida fugiam procurando encontrar melhores condições de vida). Em pouco tempo, contudo, esses lugares tomaram-se pequenos e as pessoas se viram forçadas a construir suas vidas fora das muralhas (SALES, SILVEIRA e MORAES, s/a).

Essa sociedade era formada principalmente por artesãos, operários e comerciantes, terminou originando novos burgos em vários pontos da Europa. Seus habitantes, por aversão aos nobres que viviam em castelos, ficaram conhecidos como burgueses. Com o tempo, as cidades tomaram-se mais importantes que as regiões rurais. Os negócios desenvolveram, os artesãos abriram suas próprias fábricas, comerciantes passaram a formar feiras nas quais vendiam seus produtos.

Nesse período a moeda foi fundamental, abolir o escambo ou troca de mercadorias por dinheiro, sendo aprovado o surgimento das primeiras casas bancárias, responsáveis pelas operações de câmbio emprestando dinheiro a juros. Essa prática fez com que o dinheiro se tornasse muito influente e a produção agropecuária deixasse de ser à base da riqueza na Europa, dando ênfase ao mercantilismo (JESUS, 2005).

Esse crescimento da população e do comércio sofreu um golpe no século XIV com a crise europeia, devido a falta de alimentos que mesmo com toda a tecnologia da época, como a invenção da ferradura, os moinhos de ventos entre outros não foram capazes de resolver o problema a fome que durou aproximadamente do século X ao século XIII (SALES, SILVEIRA e MORAES, s/a).

Segundo (JESUS, 2005) anos depois para piorar a situação, o continente foi assolado pela Peste Negra, uma epidemia decorrente das péssimas condições de higiene das cidades, que matou cerca de 30 milhões de pessoas, mais de um terço da população da Europa e a nobreza da França e Inglaterra deram início à chamada a guerra dos cem anos, conflito que se estendeu por 116 anos.

Como se não bastasse à fome, doenças, guerras e mortes, as camadas mais baixas da população sofriam também com grandes períodos de trabalho e com os altos impostos cobrados pelos reis provocando rebeliões da população em várias partes da Europa. Para escapar da exploração, pequenos agricultores largaram os feudos e foram para as cidades, onde passaram a trabalhar como assalariados (JESUS, 2005).

O crescimento da burguesia, a expansão do comércio, o aparecimento da mão-de-obra assalariada, aliados ao fortalecimento do rei, abalou de vez a estrutura feudal da Europa século XV, os europeus já viviam sob um novo comando

O mercado na Idade Média era realizado em feiras livres, de acordo com Souza(2009)pode-se relacionar o significado das feiras livres do mundo contemporâneo às práticas existentes desde os Astecas, gregos e os romanos. Segundo o autor as feiras livres foram regulamentadas na Europa, com o intuito de suprir a necessidade dos moradores daquelas localidades, com alimentos e outros produtos essenciais para a sobrevivência das pessoas na Europa Medieval (Figura 03).

A partir das feiras livres as cidades na Idade Média começam a ganhar uma nova paisagem, apresentando nesse contexto um aglomerado de pessoas nas ruas, onde as especiarias e bens para o consumo eram comercializados, nascendo, portanto, o desenvolvimento das cidades e da economia.



Figura 03-Feira na Idade Média

Fonte: <<http://www.sohistoria.com.br>>

Segundo Sá (2010) o aglomerado de pessoas na Idade Média provocou o nascimento das cidades e o crescimento comercial, e estas adotaram uma postura desbravadora das rotas do comércio. As cidades italianas ficaram muito ricas e

desenvolvidas devido à exploração do monopólio. Seus mercadores predominavam no local com seus artigos procedência oriental. Foi estabelecido então, no norte da Europa instituição das Hansas ou ligas hanseáticas isto é, eram associações de comerciantes, sendo que aconteciam reuniões de várias Ligas no norte da atual Alemanha (antiga Prússia) dando origem a forte liga Hanseática.

Sob o comando de Lübeck, um grande líder hanseático, as cidades aliançadas à Liga abraçaram uma política externa simples e corriqueira diferenciada pela acirrada defesa de seus privilégios. Já na metade do século XIV e o final do século XV, a Hansa manteve a unicidade do tráfego marítimo pelos mares Báltico e do Norte. A Confederação dominou o comércio de peles com a Rússia, o comércio de peixe com a Noruega e a Suécia, e o comércio de lã com Flandres, região norte da Bélgica. Comercializava peles, mel, cera, cereais, madeiras, âmbar, minérios, peixe salgado, cobre, ferro, vinho, sal, lã, tecidos, etc (SÁ,2010).

Porém segundo Sá (2010), as ligas não puderam sobreviver muito tempo à constituição dos Estados nacionais europeus, nem à abertura das rotas transoceânicas do Atlântico, fruto das grandes navegações ibéricas. Um dos maiores subsídios que a Liga Hanseática deixou foi o sistema de leis marítimas e comerciais por ela desenvolvido. Um desses importantes sistemas foi às leis de Wisby. Essas leis simplesmente ressaltavam que os navios mercantes não trafegavam acompanhados de navios de guerra, já os próprios navios mercadores estavam armados(SÁ,2010).

As ligas surgiram no século XIII e desapareceu a partir da guerra dos cem anos que aconteceu na Idade Média, entre os anos de 1337 e 1453 (duração de 116 anos). Essa guerra envolveu os reinos da França e Inglaterra, foia principal e mais sangrenta guerra europeia do período medieval (SÁ,2010).

Por volta de 1400 Sá (2010), discorre ainda dizendo que os holandeses já faziam o monitoramento do comércio marítimo desde o báltico até o oeste da Europa. Esse panorama causa a partir de então a transformação da paisagem geográfica, já que com a globalização do comércio, as cidades começam a se transformar, dando espaço às construções civis.

Essas mudanças na paisagem geográfica durante a Idade Média é consequência do crescimento comercial e do declínio da atividade voltada ao feudo (terra). Percebe-se que durante quase toda a Idade Média o feudo era a única forma

de subsistência dos servos e senhores feudais, pois eram das terras que eles tiravam seus sustentos e era também a partir delas que acontecia a comercialização através de trocas. Sendo assim, com a mudança que ocorreu durante essa Era fez com que a paisagem agrícola se transformasse, dando lugar a uma paisagem mais urbanizada (MIRANDA, 2012).

A cidade aparece como uma forma de liberdade para os servos, contribuindo para o declínio do feudalismo. Milton Santos (1991) coloca que a cidade era sinônima de liberdade, nessa proposição, com o passar do tempo não havia somente comércio destinado à produção agrícola, mas também a outras atividades não agrícolas, nascendo também novas profissões. Assim, para o autor com a “descoberta da América, a intensificação das relações comerciais, com a Ásia e a África fazem crescer as cidades” (MILTON SANTOS, 1991, p. 53), fortalecendo assim a transição para o capitalismo.

Nesse enfoque Maceira (2007), reforça a ideia sobre o fortalecimento do comércio durante a Idade Média, segundo o autor esse fortalecimento se dá devido o aparecimento da burguesia em razão da decadência do Império, verificando-se o crescimento urbano. Para Miranda (2012) durante a Idade Média a moeda⁶ utilizada era ouro e prata, elas eram enviadas para o Oriente como forma de pagamento as especiarias advindas dessa região para consumo dos Europeus. Porém com a queda do Império Bizantinopolesmulçumanoso comércio foi interrompido, e sem esta transação comercial passa a se acumular os metais preciosos nas mãos dos reis, nobres e inclusive da igreja, dando fim a Idade Média e início a Idade Moderna.

Segundo Bassi (2009) o Império Bizantino foi à continuação do Império Romano durante a Idade Média, sendo capital deste a cidade Constantinopla, originalmente conhecida como Bizâncio.

Mesmo após ocorrer a transição da Idade Média para a Idade Moderna, dando início a uma nova Era, a economia segundo Miranda (2012), continuou

⁶ A moeda surgiu ainda na antiguidade, porém não como a conhecemos hoje. Antes dessa moeda dos dias atuais os homens trocavam bens que lhes sobravam, essa prática ficou conhecida como escambo. Com o passar dos tempos algumas mercadorias devido a sua utilidade passou a ser mais procurada nascendo então a moeda-mercadoria. Com o aparecimento dos metais esses passaram então a ser utilizados como moedas, somente no século VII a.c. são feitas as moedas parecidas com a dos dias atuais, no entanto, eram feitas de uma liga de ouro e prata encontrados nos rios das regiões. No século XI são feitas o primeiro papel-moeda como conhecemos hoje. Disponível em: <<http://www.bcv.cv/SiteCollectionDocuments/Publicacoes%20e%20Intervencoes/Cadernos%20de%20Educacao%20Financeira/caderno01.pdf>> Acesso em: 18 out. 2016.

baseada nos princípios feudais, ligadas a terra, porém, observava-se o crescimento das cidades e de sua população.

2.1 IDADE MODERNA: SUAS INFLUENCIAS SOCIO HISTÓRICAS NA FORMAÇÃO DAS REDES COMERCIAIS

A Idade Moderna se inicia com a decadência do Império Bizantino, o fortalecimento do comércio, o crescimento das cidades e da burguesia⁷. A Idade Moderna foi marcada por um comércio que se restringia ao capitalismo, tendo como característica a Revolução Comercial (Figura 04).



Figura 04-Feira na Idade Média
Fonte:<<http://3.bp.blogspot.com>>

Após o fechamento das rotas marítimas comerciais pelos muçulmanos via-se a necessidade de encontrar novas rotas, denominadas de as grandes

⁷Classe social surgida na Europa, com o desenvolvimento dos burgos medievais e o influxo do comércio na sociedade feudal, e que principia a gozar, com o seu enriquecimento, de crescente liberdade e poder, passando a dominar sociopolítica e economicamente as outras classes, a partir da Revolução Francesa 1789(FABER, 2011, p.18).

navegações⁸. Portugal, seguida da Espanha foram os pioneiros das grandes navegações sobre o Atlântico. As riquezas e o desenvolvimento urbano, ou seja, as cidades durante a Idade Moderna se restringia ao redor do mediterrâneo (MORAES e FRANCO, 2010).

Ainda de acordo com Morais e Franco (2010), na Idade Moderna houve a consolidação burguesa, o fortalecimento do comércio e as expansões marítimas (Figura 05).



Figura 05- As grandes navegações na Idade Moderna

Fonte: <<http://www.resumoescolar.com.br/>>

Os burgueses davam respaldo à monarquia porque tinham interesse em expandir suas atividades comerciais. No entanto, somente uma quantia de membros da nobreza apoiou o fortalecimento monárquico.

⁸Designa-se as navegações portuguesas. Durante os séculos XV e XVI, os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, lançaram-se nos oceanos Pacífico, Índico e Atlântico com dois objetivos principais: descobrir uma nova rota marítima para as Índias e encontrar novas terras. Este período ficou conhecido como a Era das Grandes Navegações e Descobrimentos Marítimos (MACIEL, 2004, p.17).

O autor ressalta que os reis viam vantagens em apoiar a burguesia, pois ela não queria mais um poder feudal e sim um poder centralizado (poder real), em que o comércio não pagaria por tantos feudos, e por tantos impostos, além de ter uma unificação da moeda / dinheiro facilitando o trânsito comercial.

Entretanto, como havia parte da nobreza com pareceres desfavoráveis à centralização da monarquia, também a Igreja Católica e a grande maioria dos senhores feudais o eram. A Igreja temia que reis se tornassem tão importantes e com o poder nas mãos que futuramente viessem a ser politicamente mais poderosos que o Papa, já que uma monarquia que estivesse com o poder centralizado, também era significado de intimidação ao poder econômico e político da Igreja Católica em cada província(FABER, 2011).

Todavia, criaram-se as infinidades de leis que fossem viáveis para o desenvolvimento do comércio, uma vez que existia a circulação de produtos e a movimentação de um feudo para outro, isto é, de uma terra para outra, assim, com a criação das leis os comerciantes burgueses que faziam esse trajeto, não teriam mais que pagar as tarifas aduaneiras aos senhores feudais.

Nessa perspectiva, a paisagem geográfica durante a Idade Moderna também sofreu algumas transformações, nessa Era a cidade já tinha ganhado seu espaço, e esse foi transformando lentamente os aspectos geográficos da natureza. Para Bonametti (2010) foi com o início da Idade Moderna que se intensificou a dualidade entre a economia e a política, sendo essa união um forte motivo para as transformações que ocorreram nas cidades, pois nesse momento se tinha a expansão do capitalismo devido as grandes circulações de mercadorias.

Ainda segundo o autor, outro motivo que fez com que as cidades fossem construídas desobedecendo ao modelo medieval, foi o rompimento com a teologia ainda no século XVI durante a Reforma Católica, fortalecendo assim a autonomia do homem sobre si mesmo, o que fortaleceu um novo modelo de construção civil, baseados em quarteirões.

A partir da Idade Moderna e das transformações ocorridas na paisagem geográfica decorrente do forte crescimento do comércio, este se alastra alcançando o território brasileiro com a Chegada dos Europeus. No Brasil, a prática do comércio se iniciou ainda no período colonial, começando nessa época as transformações nas

paisagens geográficas devido ao comércio do Pau-Brasil (D'AGOSTINE, *et al*, 2010).

3 MUDANÇAS NA PAISAGEM GEOGRÁFICA CARIOCA: UMA CIDADE SEM PALACIOS

De acordo com Ferreira (1990), quando a monarquia transferiu-se para o Brasil, em 1808, (Figura 06) trouxe na bagagem muitas alterações, medidas econômicas e políticas. Essas medidas oficiais geralmente são vistas como detentoras das mudanças que resultaram na independência brasileira.



Figura 06-Estabelecimento da corte Portuguesa em 1808 na cidade do Rio de Janeiro

Fonte:<<http://www.colegioweb.com.br>>

A transferência do governo português para o Brasil, apesar de tudo, foi muito benéfica para nosso país, já que pouquíssimos dias depois de sua chegada, Dom João toma uma decisão econômica de grande relevância, expede a carta magna de abertura dos portos do Brasil a Portugal já que ele considerava nações amigas. Esse decreto, pois fim ao monopólio sobre o comércio brasileiro que era o alicerce da política colonial de Portugal (FERREIRA,1990).

Quem tinha grande interesse nessa medida era a Inglaterra, pois, tinha muitas barreiras para o transporte de sua produção para o Brasil. Os portos do Brasil foram obrigados a se ajustarem com muita rapidez para receber a produção inglesa. Um grande número de firmas inglesas foram montadas no Rio de Janeiro firmando um enorme consumo de produtos ingleses que o povo brasileiro não conhecia.

Porém, como os ingleses não reconheciam a necessidade do consumo da população brasileira, enviavam para o Brasil produtos totalmente desnecessários, como, por exemplo, carteiras para guardar notas, todavia, no Brasil só existiam moedas de metal; patins para andar no gelo e até os caixões para funerárias vinha da Inglaterra (FERREIRA,1990).

No dia primeiro de abril de 1908 D. João assinou um alvará de permissão da montagem das indústrias no Brasil, assim completava a liberdade econômica da colônia em relação a Portugal. Entretanto, em 1810, foi assinado um tratado de aliança de comércio e navegação com a Inglaterra e com esse tratado foram abolidos os benefícios que as empresas brasileiras receberam com o decreto assinado e instituído em 1908.

O Rio de Janeiro era sede da monarquia apesar das melhorias feitas pelos vice-reis no final do século XVIII, a cidade em 1808, ainda era, na visão dos nobres portugueses recém-chegados uma cidade precária: uma cidade que não tinha palácios, de ruas estreitas e fedorentas, com seus esgotos a céu aberto sujo e descuidado (FERREIRA,1990).

A cidade começou a contrair um ar europeu. Em virtude disso o aumento da população saltou de 50 para 100 mil habitantes em 10 anos. Porém, não foi só isso, foi implantada toda a administração política e houve a aproximação da elite local aos ritos e cerimoniais da corte. As missas de ação de graças, as embaixadas, as grandes cerimônias da corte (MALERBA,2015).

Segundo Silva (2009) o Brasil deixou de ser um aglomerado de matas para dar espaço às pequenas cidades que comportavam a Família Real Portuguesa e as comitivas europeias que aqui se concentrou. Para o autor aos poucos foram se construindo escolas, igrejas, casas, ruas e bairros dando um ar europeu ao país tropical com o intuito de modernizar o então novo país e atender ao crescimento da população, para isso houve a necessidade de desmatar grande parte das matas

brasileiras, começando nesse momento a destruição da fauna e flora, e causando graves problemas aos povos indígenas que já habitavam esse país mesmo antes da chegada dos europeus (SILVA, 2009).

Foram grandes as mudanças realizadas nas características do Rio de Janeiro (Figura 07) nesse período, vida cotidiana da população em função da vinda dá corte e dos nobres portugueses.

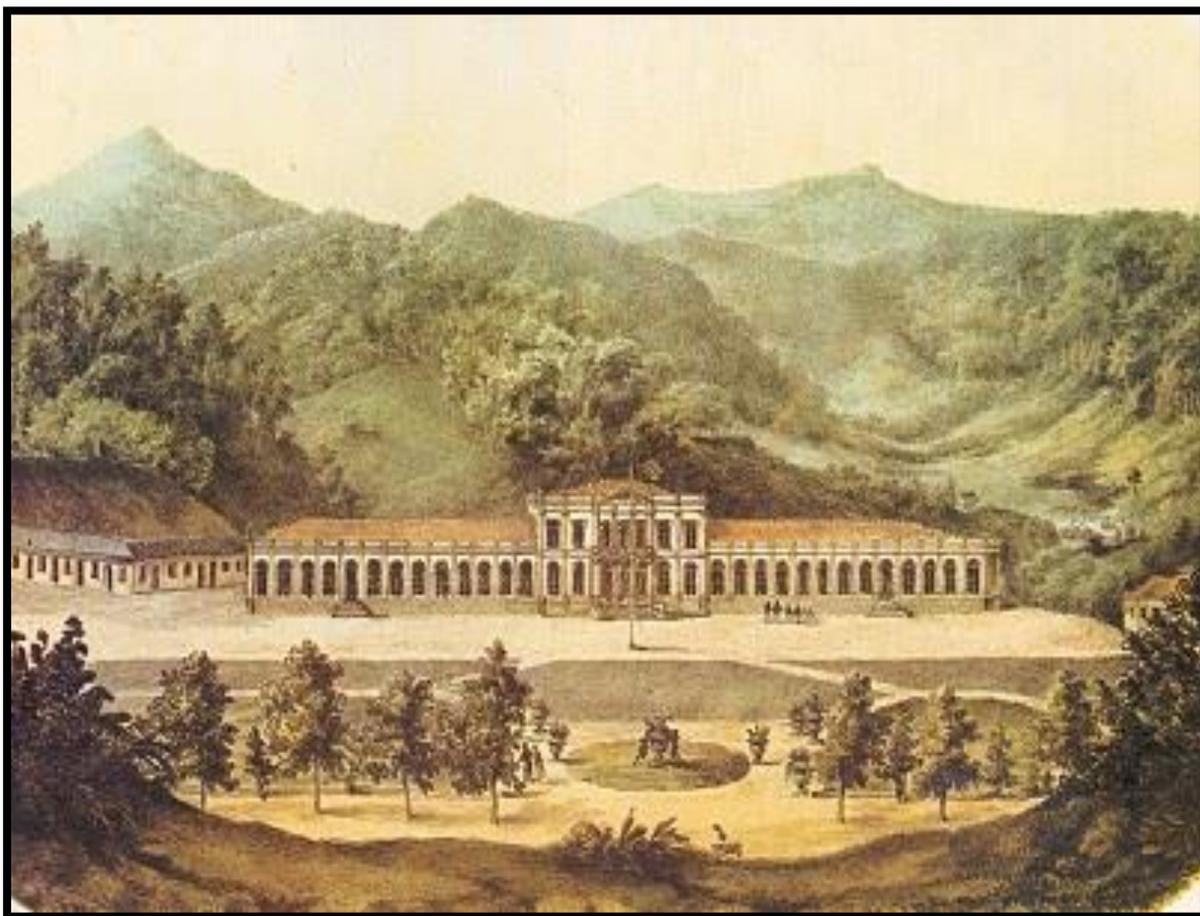


Figura 07- Mudança na paisagem do Rio de Janeiro com as primeiras construções civis

Fonte: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br>

A (Figura 08) mostra como era a paisagem do Rio de Janeiro, com destaque o Pão-de-açúcar durante a fundação da cidade no ano de 1565, sendo possível observar a mudança na paisagem dessa cidade. É nítido que a paisagem natural começa a ser transformada em paisagem cultural, sofrendo as ações dos seres humanos, com o intuito de bem estar e conforto. Nessa imagem o que ganha destaque é as casas construídas, e para que isso ocorresse, observa-se o quão

grande foi a desmatação da cidade do Rio de Janeiro, levando em consideração que essas imagens fazem parte ainda da colonização do Brasil.

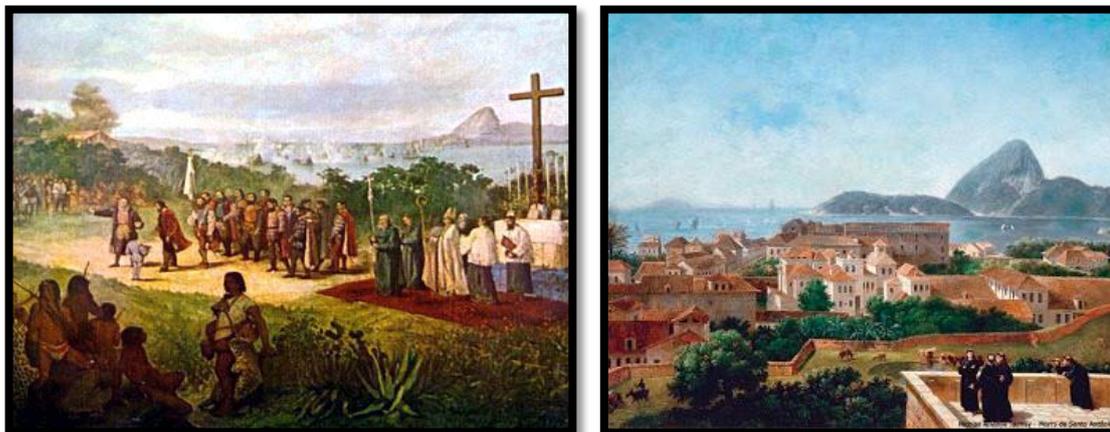


Figura 8- Mudança na paisagem do Rio de Janeiro com as construções civis
Fonte: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br>

A vinda da corte alterou e muito os aspectos da vida colonial. As ruas, depois de ampliadas, ganharam calçadas, novos bairros, como Glória, Flamengo e Botafogo foram praticamente criados (Figura 09).

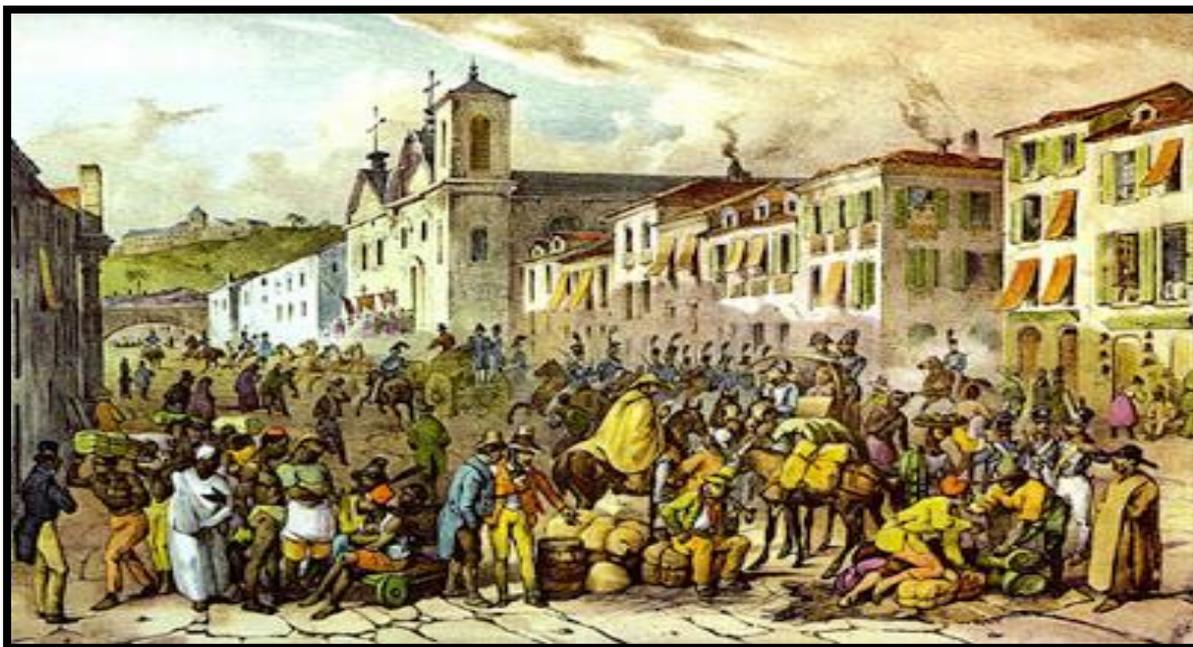


Figura 09- Imagem das ruas, calçadas e construções da cidade do Rio de Janeiro no século XIX
Fonte: <http://oralidadecameloturgia.blogspot.com.br>

De acordo com (LAURENTINO GOMES, 2007), quando a corte chegou em terras brasileiras, o Brasil ainda tinha terras virgens, era pouco povoado, com pouco mais de 3 milhões de habitantes, menos de 2% da sua população atual. De cada três brasileiros, um era escravo. Os povos indígenas eram aproximadamente 800.000 de pessoas.

Ainda segundo o autor esses povos se agrupavam no litoral, em algumas cidades no interior de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e ao longo do Rio Amazonas. O povoamento maior acabava aí, o restante do país era só floresta, habitado por indígenas, garimpeiros e escassos criadores de gado, território de ação dos contrabandistas que vendiam suas mercadorias em Buenos Aires (LAURENTINO GOMES, 2007).

O governo português para Laurentino Gomes (2007) tinha nesse momento o objetivo de manter o Brasil como uma joia extrativista e sem vontade própria, longe dos olhos e da cobiça dos estrangeiros, tinha, portanto, a intenção de conservar o Brasil fechado para o Mundo.

Segundo (LAURENTINO GOMES, 2007), vista do porto, o Rio de Janeiro era uma cidadezinha tranquila, campestre, com pouco mais de 60000 mil habitantes cercada pela natureza. Porém, ao se chegar perto, era bem diferente. A umidade, a sujeira e a falta de classe dos moradores, tudo era desanimador.

Além disso, as casas ao serem vistas de longe, tinham uma aparência de limpeza das melhores vilas de Londres. Mas essa impressão era somente de longe, pois, de perto notava-se que a limpeza não passava uma mão de cal nas paredes e a sujeira imperava.

As ruas, apesar de serem planas eram sujas e muito estreitas, quase encontrando a frente de uma casa na outra.

A higienização da cidade quem fazia eram os urubus segundo o historiador Oliveira Lima Alexander Caldcleugh, que viajou pelo Brasil entre 1819 e 1821, ficou admirado com a quantidade de ratos que se via no meio da cidade. As casas eram tão cheias deles que não era difícil se ver alguns passeando tranquilamente no meio da sala durante um jantar (LAURENTINO GOMES, 2007).

O lençol freático era muito raso e a edificação de fossas sanitárias era proibida. Os dejetos dos moradores eram coletados durante a noite, para pela

manhã serem derramadas no mar por escravos que carregavam enormes tambores de excremento nas costas. Essa atividade continuou no Rio de Janeiro até em 1860 e no Recife até 1882, pois o baixo custo dos escravos retardou a criação das redes de saneamento básico no litoral do Brasil (LAURENTINO GOMES, 1808).

Nesse enfoque, após a vinda da coroa portuguesa para terras brasileiras as mudanças na paisagem geográfica foram inevitáveis. Primeiramente é constatado o desmatamento com a frequente comercialização do Pau-Brasil, madeira nativa do Brasil. Logo as mudanças geográficas na paisagem natural encontrada aqui foram perdendo sua essência.

Figueiredo (2011) coloca que de 1822 a 1888 houve mudanças avassaladoras no Brasil, como a guerra dos Farrapos, o tráfico negreiro e a abolição da escravatura.

Apesar das mudanças sociais que aconteceram em meados do século XIX como a expansão da lavoura cafeeira, o fim do tráfico negreiro, a imigração, e o desenvolvimento das cidades, a expansão dos transportes, etc., na política, o governo continuava sob o controle das tradicionais famílias de proprietários escravistas, que impediam as mudanças políticas necessárias para atender às novas obrigações, criadas com as grandes mudanças econômicas e sociais no Brasil daquele período (FIGUEIREDO, 2011).

É o momento em que temos no Brasil um Império subdesenvolvido e com muito pouco prestígio e o início da organização de partidos republicanos. Agora, no final do Segundo Império (AMPERJ, 1998) afirma que o princípio básico que os adeptos ao republicanismo defendiam era o federalismo, isto é, uma forma de governo republicano em que as províncias tivessem bastante autonomia para elaborar suas leis e tomar as medidas adequadas aos interesses locais.

Essa ideia era bem quista e ganhava defensores especialmente em São Paulo, que era uma das regiões economicamente mais importantes do país, a ponto de alguns grupos locais defenderem inclusive, a ideia de fazer de São Paulo um país independente do resto do Brasil. Também os militares entraram em oposição com o império. O Exército havia crescido com a guerra do Paraguai e voltara aclamados dos campos de batalha. Contudo, quando a guerra terminou, o governo reduziu o número de seus efetivos de quase 19 mil para 13.500 (AMPERJ, 1998).

O interesse do governo era reforçar a velha Guarda Nacional, que fielmente defendia a aristocracia escravista. Os militares desejavam era um tratamento mais digno e começaram a se opor ao governo imperial. O movimento republicano ganhava terreno dia a dia. Mas numa tentativa extrema para salvar a Coroa, o último ministro do Império, Visconde de Ouro Preto, criou um projeto de reformas profundas, que atendiam em parte às propostas dos republicanos. Mas a Câmara, dominada pela aristocracia mais tradicional, considerou que o projeto era um absurdo e que o ministério não era digno de confiança.

Figueiredo (2011) ressalta ainda que com isso os ânimos se exaltaram e os republicanos arquitetam um golpe. A decisão final de aderir de fato ao apelo dos republicanos veio quando soube que D. Pedro II pretendia formar um novo ministério, chefiado por seu maior inimigo. Escreveu-se então um manifesto, instaurando um governo republicano provisório, e o imperador foi “convidado” a deixar o país, juntamente com a família imperial. Saíram de madrugada, embarcando num navio que zarpou para Lisboa na noite de 17 de novembro.

Segundo (CARONE,1973), denomina-se República Velha, ou I República, é o período entre a Proclamação da República, em 1889, e surgimento da Revolução de 1930, onde Marechal Deodoro da Fonseca assume como Presidente da República.

A República Velha é decomposta por dois períodos: a República da Espada e a República Oligárquica. Sendo que a República da Espada envolve os governos dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto (CARONE,1973).

Durante a República da Espada é que foi concedida a Constituição que iria direcionar as atuações institucionais na época da Primeira República.

A característica da República da espada foram os conflitos na economia, entre a alta sociedade do Brasil, como a Revolução Federalista, grupo de oposição que pretendia libertar o Rio Grande do Sul e descentralizar o poder da então recém-proclamada república e a Revolta da Armada, guerra civil que ocorreu no sul do Brasil logo após a Proclamação da República (CARONE,1973).

Já a República Oligárquica foi importante pela influência política exercida sobre o governo federal pela oligarquia cafeeira paulista e pela sociedade rica da

rural de Minas Gerais, na conhecida política do café com leite (as fazendas de café de São Paulo e a pecuária de Minas).

A partir daí houve aumento da imigração europeia (italiana, alemã, espanhola) para servir de mão-de-obra nas lavouras de café do interior paulista e o desenvolveu-se então, o coronelismo, proprietário rural que controla os meios de produção e detinha o poder econômico, social e político local (FABER, SEVERO e FERREIRA, 2008).

A segunda República é uma época que marca também a elevação e inclinação da economia dos fazendeiros paulistas, baseada na produção do café para a exportação. Além disso, os capitais acumulados com a exportação do produto garantiram a abertura da industrialização do país, ao menos na região Sudeste.

Com o desenvolvimento das indústrias aconteceram alterações na estrutura social brasileira, com a constituição de uma camada trabalhadora e o aumento do espaço urbano. Aconteceu nesse período, a crise das oligarquias rurais e da econômica mundial. Isto é a crise do açúcar que levou ao declínio das forças políticas das oligarquias do norte e nordeste.

Todavia, o sudeste foi beneficiado com a cultura do café, e levando ao fim a República Velha, já que a população estava em desagrado com a eleição de Júlio Prestes, em 1930, dando oportunidade para a sociedade rica para derrubar os fazendeiros paulistas que estavam no poder. Após a vitória de Júlio Prestes, políticos da Aliança Liberal fazem eleições de forma fraudulentas. Com o apoio de Getúlio Vargas, aplicam um golpe e coloca fim a República Velha Getúlio Vargas torna-se presidente da República (FABER, SEVERO e FERREIRA, 2008).

3.1 BRASIL CONTEMPORÂNEO – SUAS INFLUÊNCIAS COMERCIAIS ATRAVES DA GLOBALIZAÇÃO E O MUNDO VIRTUAL

De acordo com (MARIANO,2007), travessia é a metáfora que utilizamos para designar a condição histórica de transição, de desconforto do homem pós-moderno já que existe uma grande variedade de termos que aponta para essa travessia. Alguns se referem positivamente à emergência desse novo tipo de

sociedade: sociedade do consumo, globalização, mundial entre tantos outros termos, expressão das mais diversas tendências.

Já Pinto, (s/a) afirma que estamos chegando ao encerramento de uma época com outra já no encalço, caracterizando essas mudanças diferenciadas que tiveram seu início marcado pela criação do relógio, o qual foi um marco na passagem da sociedade tradicional para a contemporânea. As pessoas ficaram meio paranoicas, pois, o relógio passou a marcar o tempo social e artificial em uma corrida frenética.

Esta noção de hoje de tempo criou o sentimento de que o mundo está minguando. As distâncias diminuíram, a partir do momento em que uma sociedade passou a calcular seu senso de tempo com o de outra comunidade, do outro lado do globo (MARIANO, 2007).

Os caminhos foram alterando-se à medida que o tempo e os caminhos passaram de dominado para dominador. O tempo intemporal passou a substituir o tempo cronológico. As transformações históricas vão ocorrendo no tempo e no espaço e sendo vivenciado gradativamente sendo substituídas pela aparência real pelo virtual, as palavras pelas imagens.

Aparência, a virtualidade e imagens passam a desempenhar importância fundamental na vida social e no imaginário das pessoas à medida que se acelera e generaliza o processo de racionalização das organizações e atividades, das relações e estruturas sociais baseadas na técnica, na eletrônica, robótica, informática e telemática. Mariano (2007), afirma que o cidadão, elite ou massa, aparece como agrupamento nessa virtualidade. Na contemporaneidade, o tempo eletrônico comanda a vida do mundo, acelerando e diversificando intercâmbios e comércios, trocas e negócios, até mesmo as relações entre as pessoas.

No mundo globalizado, testemunhamos a chegada de um mundo sistematizado, cheio de tecnologias, que dita à sociedade como deve ser seu modo e estilo de vida. É a chamada globalização do capitalismo, do mercado, do lucro e das cobranças desse mesmo mercado.

Essa transformação caracteriza a virada do século, que revolucionou modificando nosso modo de pensar, comunicar, viver, produzir e

consumir, alcançando pessoas em espacialidades diferentes, estabelecendo uma mudança na economia mundial.

Mariano (2007), diz que uma cultura de virtualidade real, que integra diversas culturas em um único universo eletrônico. O ciberespaço, com seus efeitos que podem ser positivos e negativos, passaram a direcionar modos de produção e consumo, modos de ver, pensar e atuar.

De acordo com (PINTO,s/a) a vida dos países nessa globalização mesmo que continentes diferentes, agem de modo igual empresas, de um modo geral, a ser prepara de acordo com os padrões exigidos pelo mercado globalizado, visando a produção e o lucro nesse caos desordenado, nessa corrida louca contra o tempo onde o ser humano parece está perdendo o sentido da vida, da própria identidade.

3.2 O COMÉRCIO NAS REGIÕES BRASILEIRAS: UM ENCONTRO DE RUPTURAS COM A PAISAGEM ORIGINAL

O Brasil é um dos maiores países do mundo de acordo com (GUERRA, 1961) é chamado nação continente. Uma consequência imediata desta grande extensão territorial é que os planos administrativos precisam ser específicos para cada área uma vez que os problemas são bastante diversos de região para região. A América do Sul chega-se a conclusão de que a sua paisagem geográfica não foi sempre à mesma, sendo atualmente muito diferente do que foi no passado.

Há mudanças contínuas em toda a paisagem física e humana do país. Possuímos climas quentes, úmidos, bem como subtropicais. Eles têm grande influência nas formas de relevo, na cobertura vegetal, no tipo de solo e também na produção, em comum (PEROBELLI *et al*, 1996 e 2002).

O fato de o Brasil ser um país que produz muita matéria-prima para o comércio internacional deve-se por um lado à natureza tropical dos produtos, e por outro ao grau de desenvolvimento, isto é, os meios utilizados pelas populações que, de modo geral, se restringem à extração e, em pequena escala à industrialização.

A ocupação do espaço geográfico do continente brasileiro envolve a implantação da cultura europeia e pouco tempo atrás era considerada inóspita ao homem branco das regiões temperadas. A civilização colocada no Brasil tem

iniciativa da nação europeia. O atual desenho do Brasil é o resultado final de uma soma da iniciativa dos bandeirantes para a solução das diversas demandas de limites territoriais (PEROBELLI *et al*,1996 e 2002).

A questão da interdependência inter-regional do comércio segundo (PEROBELLI *et al*,1996 e 2002) é de uma importância muito grande para o desenvolvimento de uma região ou de um país. Evidencia-se o grau de dessemelhança entre as unidades da Federação e macro-regiões⁹ brasileiras no que se refere ao comércio, já que o Brasil é um país onde há diversos tipos de clima, sendo assim, o comércio se torna sazonal.

Considerando que, o aumento dos fluxos de comércio é fundamental ao crescimento regional, faz-se necessário avaliar alguns questionamentos acerca do comércio inter-regional em termos de diferentes regiões brasileiras. Ao analisar o comércio inter-regional e intra-regional principalmente a partir dos anos de 1943, 1947, 1961 e 1969, pois na década de 1940 e o início dos anos de 1950, o comércio inter-regional brasileiro ainda era muito embrionário em relação ao comércio internacional.

No entanto, a partir dos anos 60 houve um abundante alargamento do grau de abertura das economias regionais, dando ênfase às principais mudanças ocorridas em diferentes macro-regiões do país.

Nessa época, afirma (GUERRA, 1961) o comércio da região Norte predominava intra regional, o Nordeste proporcionou grande expansão do seu grau de abertura, no qual aproximadamente 33% das exportações foram destinadas a suprir o mercado interno e cerca de 50% de suas importações eram originárias de outras regiões mais produtivas e industrializadas. Já a região Sudeste obteve um expressivo aumento do seu comércio inter-regional passando de 12% o movimento de exportações por vias internas entre 1943 e 1947, para 36% em 1961; As regiões Centro Oeste e Sul sustentaram os mesmos padrões revelados nas décadas anteriores. Percebe-se assim, que um comércio inter-regional vivo, contribui com a

⁹A divisão oficial do Brasil, feita pelo IBGE, é um exemplo de divisão formal e administrativa. Ela contém as cinco Macrorregiões do país: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Essa divisão baseia-se nas características naturais do território nacional (relevo, clima), mas também se dá em função da composição social e dos atributos econômicos. Disponível em: <<http://conceitosetemas.blogspot.com.br/2011/04/os-complexos-regionais-brasileiros.html>> Acesso em: 18 out. 2016.

integração comercial entre as regiões tornando-a homogênea e causando efeitos diferenciados sobre o desenvolvimento do país (GUERRA,1961).

3.3 MATO GROSSO: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AS EVOLUÇÕES COMERCIAIS DO PERÍODO COLONIAL ATÉ A ATUALIDADE

Peres (2014) ressalta que durante as expedições de conquista do estado de Mato Grosso houve confrontos com os povos nativos que eram considerados um dos maiores problemas enfrentados pelas autoridades portuguesas, já que os portugueses tinham os indígenas como uma barreira que poderia impedir o desenvolvimento do projeto de colonização.

No entanto, a sociedade indígena também tinha suas estratégias para se defenderem de tais ataques, muitas vezes essas estratégias eram se tornar aliados dos europeus. Durante todo o Brasil colônia o comércio se restringia na exploração de matérias primas e posteriormente a mão de obra escravista (PERES, 2014).

Algumas etnias viviam em aldeias e viravam aliados dos portugueses e inimigos de outras etnias, se espalharam por todo o sertão brasileiro obedecendo tanto aos portugueses quanto às políticas indigenistas de diferentes etnias. Esses povos que se tornavam aliados dos portugueses tinham garantia de liberdade durante todo o processo de colonização do Estado, e transformavam-se nas peças-chaves para defender a colônia das forças das inimigas sendo esses, ora indígenas de etnias diferenciadas que lutavam contra os portugueses, ora europeus (PERES,2014).

A autora afirma ainda, que as relações estabelecidas entre os povos indígenas e os colonizadores com as descobertas do ouro durante o século XVIII em Mato Grosso vem mudar as estruturas sociais que passariam a dirigir uma variedade de leis, onde o objetivo era obter o sucesso da colonização almejada por Portugal. Dentre essas leis pode-se mencionar: a lei de 24/2/1587 – que forçava a presença de missionários como finalidade central de catequizar esses povos ou escravizá-los.

A descoberta de jazidas de ouro exigiu da Coroa Portuguesa um projeto colonizador sofisticado, capaz de justificar suas escolhas e definir estratégias de

concorrência e de dominação sobre os indígenas (Figura 10) e seus territórios onde o maior sempre se sobrepuja ao menor.

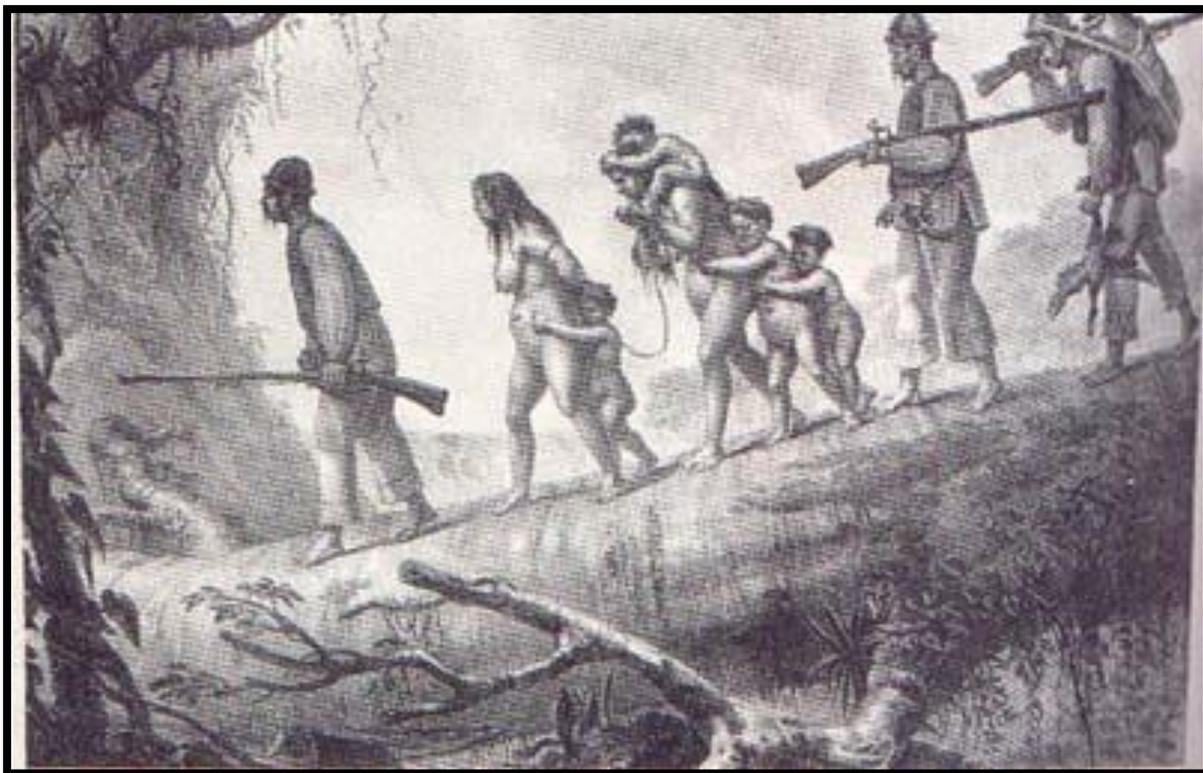


Figura 10- Captura aos indígenas na conquista da província mato-grossense
Fonte: <<http://www.google.com.br>>

Com a descoberta do ouro, segundo (PIAIA, 2003) inicia-se a organização da sociedade, onde apresentava-se como a primeira cidade a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, sendo algum tempo depois, foi batizado o Estado com o nome de Mato Grosso.

Ao ser implementado esse projeto, no que diz respeito aos indígenas, se estabeleceu a criação de uma nova identificação dentro da história, nela adaptando um preceito econômico, político e cultural de relações, uma identidade social que calculava a inclusão ditatorial de um soberano, padronizando a religião, à língua e conceitos de sua cultura (PIAIA, 2003).

De acordo com Correia (2013), a descoberta das jazidas auríferas, levou a criação do povoado da futura da capitania da capital de Mato Grosso: o Arraial da Forquilha, sendo que seu crescimento desordenado fez com que Pascoal Moreira Cabral (Bandeirante Paulista) em 1719 criasse o Arraial de Cuiabá. Porém, seu

maior impulso era aprisionar indígenas para mão-de-obra e a exploração das riquezas minerais ali existentes. Naquele período, a maior parte do Brasil pertencia a Espanha inclusive Mato Grosso.

A criação da capitania deste Estado aconteceu por uma aliança entre Portugal e Espanha através do tratado de Madri no ano de 1750, selou a sorte de Mato Grosso transformando-o legalmente em território brasileiro(CORREIA, 2013).

Para (CUNHA, 2006) região Centro-Oeste possui uma economia com caráter primeiramente agrícola e urbanização em desenvolvimento, mas ainda com extensas áreas de matas e florestas. Estas características formam o retrato da sua diversidade demográfica e ambiental, que são capazes de explicar o grande crescimento na sua economia nos últimos anos.

Na década de 60, a Região Centro-Oeste iniciou um processo de mudança de sua estrutura de produção, estimulada pela ação estatal através dos programas de incentivo à modernização agropecuária e integração da região aos outros mercados, elementos que tiveram importantes consequências em sua dinâmica demográfica e no processo de redistribuição espacial da população.

3.4 ENTRE INDÍGENAS, NEGROS E PEDRAS PRECIOSAS: INÍCIO DA COLONIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ESTADO DE MATO GROSSO

A ocupação do Estado de Mato Grosso aconteceu no século XVIII, quando os bandeirantes paulistas conquistam e povoam esse território, devido a constante busca por mercadorias valiosas como o ouro (SIQUEIRA, 2009).

De acordo com MACIEL (2004), quando os portugueses encontraram a região onde se localiza o estado de Mato Grosso (Figura 11) a mesma já era habitada por várias etnias indígenas como, por exemplo, o Guarani, tupi, Paiaguá, Coxipós e Guaicuru entre outros. O autor ainda ressalta que em 1718 uma

bandeira¹⁰ que tinha por chefe o bandeirante¹¹ Antônio Pires de Campos subiu o rio Cuiabá no encalço dos indígenas Coxipós.

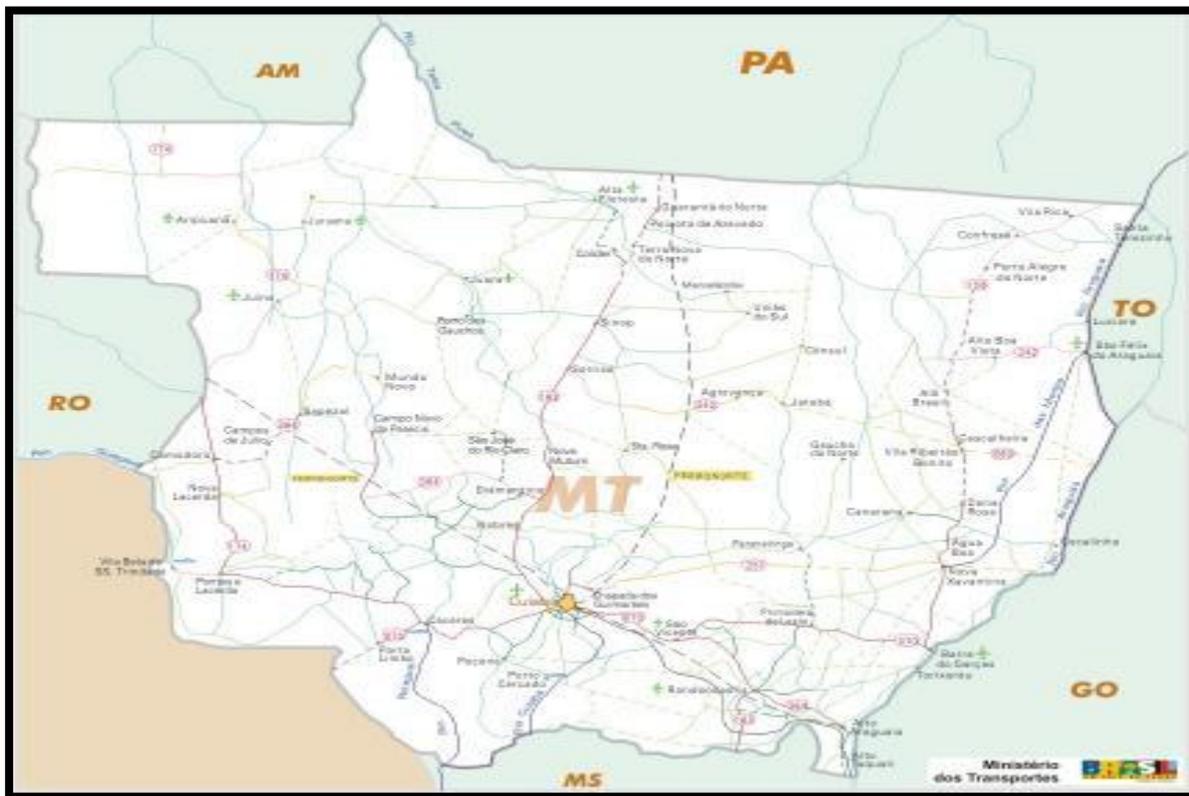


Figura 11-: Mapa do Estado de Mato Grosso

Fonte: <<http://www.mapa-brasil.com>>

O comércio no estado de Mato Grosso foi caracterizado a priori pela mão-de-obra escravista, a extração de ouro e outros minérios preciosos. Segundo Siqueira (2009) com o avanço das bandeiras paulistas foi preciso se estabelecer também um pequeno comércio para a subsistência desses homens, o abastecimento de produtos agrícolas como arroz, feijão etc, eram feitos até eles por meio de monções, ou seja, eram expedições fluviais que mantinha a comunicação entre a capitania de São Paulo e de Mato Grosso.

¹⁰ Denominadas por expedições armadas organizadas por um chefe que tinha sob seu poder homens brancos, caboclos e indígenas transformando os em escravos. O numero de participantes de uma bandeira variava entre 15 a 20 homens, mas podia reunir centenas de pessoas. As bandeiras partiam principalmente de São Paulo, onde a população vivia quase na miséria (MACIEL, 2004 p.17).

¹¹ Foram os exploradores que, adentravam os sertões em busca de riquezas e escravos, na época do Brasil colônia (MACIEL, 2004, p.17).

A economia que move o Centro-oeste nas últimas décadas é agricultura e agropecuária, principalmente com a produção dos grãos como soja, milho, algodão e feijão.

4METODOLOGIA

O procedimento metodológico utilizado para o levantamento de dados desse trabalho limitou-se em pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo exploratório, buscando responder os objetivos desse estudo. Dessa forma, para a construção deste trabalho, foram utilizados como base de dados documentos, livros, artigos e teses retirados de sites acadêmicos como Scielo, Google Acadêmico e a própria biblioteca da Ajes- Faculdades do Vale do Juruena entre outros.

Foram realizadas leituras em bibliografias encontradas a partir das seguintes palavras chave: história do comércio na Antiguidade, história do comércio na Idade Média, história do comércio na Idade Moderna, as transformações da paisagem do estado de Mato Grosso, paisagem do centro comercial de Juína MT. Após realizada as buscas procedeu-se os download e posteriormente as literaturas primárias para identificar o conteúdo dos trabalhos, logo após foram selecionados os trabalhos que atendiam as necessidades da temática. A classificação das bibliografias ocorreu após uma nova leitura, onde foram selecionados os trabalhos que mais discutia o tema.

De acordo com as possibilidades o cronograma será seguido desde a coleta de dados e a escrita da fundamentação teórica até a apresentação da monografia, o que será do mês de agosto ao mês de novembro do ano de 2016.

Para a análise e discussão optou-se por apresentar no decorrer do texto fotos da época e da atualidade, que caracteriza as metamorfoses ocorridas na paisagem do centro comercial de Juína na Avenida Mato Grosso, haja vista que esse trabalho é pioneiro e não foi possível encontrar bibliografias que discutisse essas mudanças. Foram selecionadas as fotos de pontos conhecidos para uma melhor identificação do leitor e para ser possível notar as mudanças ocorridas nessa Avenida.

As fotografias foram colocadas no corpo do texto uma abaixo da outra, sendo a primeira, foto da época do período de colonização e logo abaixo fotos do ano de 2016, esta escolha se justifica por apresentar uma melhor visão e entendimento do leitor sobre as transformações que ocorreram na paisagem de determinado local, fazendo com que a análise das fotografias de época e da atualidade feita pelo leitor seja a mais adequada possível.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

5.1 REGIÃO NOROESTE DO MATO GROSSO: SUAS TRANSFORMAÇÕES PAISAGÍSTICAS TRANSVERSALMENTE AOS AVANÇOS COMERCIAIS

Segundo o (PROJETO WWF,2012) os dados oficiais de estatística dos municípios que tem características de cidade Polo, devem seguir um sistema econômico de produção semelhante das outras cidades e não sendo isoladas geograficamente. Algumas cidades influenciam diretamente a economia dos municípios ao seu redor, podendo caracterizar a formação de uma região. No noroeste do Mato Grosso a maior parte da região é composta pelo bioma amazônico, com florestas densas e savanas e é composto pelos municípios: Aripuanã, Brasnorte, Castanheira, Colniza, Cotriguaçu, Juara, Juína, Juruena. Novo Horizonte do Norte; Porto dos Gaúchos; Rondolândia; Tabaporã.

Os Municípios de Juína e Juara se destacam como Polos na macrorregião. As condições de clima e solo são semelhantes e a principal atividade econômica da região é a pecuária. O rio Arinos atrapalha a comunicação da região Noroeste com a região Norte, além do mais, as estradas que ligam a região Noroeste às regiões Médio-Norte e Oeste são difíceis causando dificuldade no transporte e no comércio. Ainda que os dois polos da economia regional sejam semelhantes, as características de produção permitem que as duas microrregiões possam compor toda uma macrorregião (IMEA, 2010).

A criação de pastos é um dos problemas mais graves do aumento das pressões ambientais, bem como o extrativismo mineral nas regiões de Conselvan e Aripuanã e essa atividade tem feito com que o povo ribeirinho viva numa situação muito difícil. O IDH (índice de Desenvolvimento Humano) baixíssimo, renda familiar insuficiente, saúde e educação escassa (IMEA, 2010).

De acordo com o (PROJETO WWF,2012) durante o período colonial brasileiro, Mato Grosso fazia parte da capitania de São Paulo, todo o comércio era monopolizado por Portugal. A produção era basicamente o minério, a cana de açúcar, a borracha e a pecuária (Figura 12). A exploração do minério foi o que motivou os habitantes da região e os bandeirantes a escravizar negros e indígenas por ordem do rei de Portugal. O cerrado e as florestas juntamente com a pecuária e

a agricultura da época, foram destruídos e também o comércio de Mato Grosso entre o século XX e XXI.

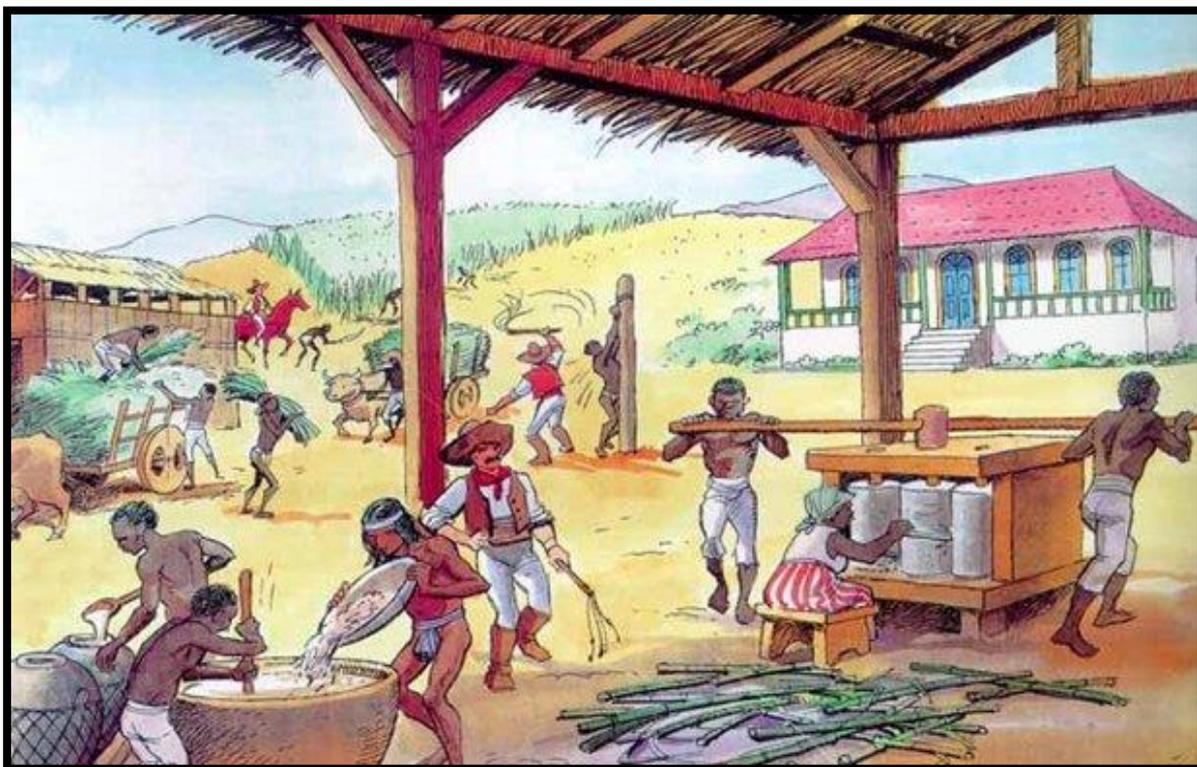


Figura 12-Engenho de cana-de-açúcar
Fonte: <<http://www.resumoescolar.com.br>>

A mineração foi o principal motivo do sustento dos habitantes na região durante as expedições do século XIII. A mão de obra era de escravos negros e índios e a fiscalização severa ordenada pela coroa Portuguesa. A pirâmide social baseava-se somente em mineradores e escravos (PROJETO WWF,2012).

Na contemporaneidade o crescimento na região de Sinop, Sorriso, Nova Mutum, Lucas do Rio Verde e Matupá mostram grande possibilidade de desenvolvimento econômico para o estado baseando-se em Soja, Milho, Farelo de Soja, Algodão Cru e Carne Bovina Congelada (PROJETO WWF,2012).

No entanto, as exportações trouxeram grande crescimento econômico para Mato Grosso no século XIII, tornando Mato Grosso um dos principais produtores de soja do Brasil.

A (Figura 13) vem mostrando a plantação de um dos mais ricos grãos do Estado de Mato Grosso, sendo grande produtor de empregos e rendas para a sociedade mato-grossense.



Figura 13-Plantação de soja

Fonte: <<http://revistagloborural.globo.com>>

O Estado também segundo o (PROJETO WWF,2012) também é grande produtor de milho, sendo essa atividade promotora de renda e economia para o estado.

5.2 JUÍNA: COMÉRCIO ARTICULADOR PARA TRANSFORMAÇÕES PAISAGÍSTICAS TERRITORIAIS

De acordo com Ioris(2008) Juína, a Rainha da Floresta, foi criada no dia 10 de junho de 1979, sendo denominada Juína devido a uma referência geográfica ao Rio Juína-Mirim. O autor diz que a cidade surgiu a partir da implantação do Projeto Juína, com aproximadamente 411.000 hectares de terras, localizado na região do

Alto Aripuanã e Juína- Mirim, entre os km 180 e 280 da rodovia AR-1. A (Figura 14) ilustra a divisão dos módulos e bairros dessa cidade.



Figura 14-Mapa atual da Avenida Mato Grosso
Fonte: Lima, Severino Luiz de, 2016

A colonização efetiva deu-se a partir de 1978, através de ações desenvolvidas pelo Engenheiro civil Hilton de Campos, mato-grossense de Cáceres e antigo funcionário da Codemat (Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso). Em virtude do crescimento acelerado, em 10 de junho A Lei Estadual nº 4.456, de 09 de maio de 1982, criou o município de Juína com território desmembrado do município de Aripuanã (FERREIRA e MOURA, 1998).

Nesse período, seringueiros e extratores de minérios exploraram incansavelmente os recursos minerais deste município de forma legal utilizando o apoio principiante do Estado. Iniciando um complexo processo de conquista de territórios e compondo de um espaço causando conflitos entre diferentes áreas de

trabalhadores como artesãos, operários, madeireiros e gerando intensas transformações socioeconômicas na região (SANTOS,2015).

Ainda segundo (BASTOS e LEMES,2009)existia uma comercializaçãofuncional de diamantes na cidade, aonde os comerciantes iam para as praças e montavam pontos de comércio de diamantes (Figura 15).

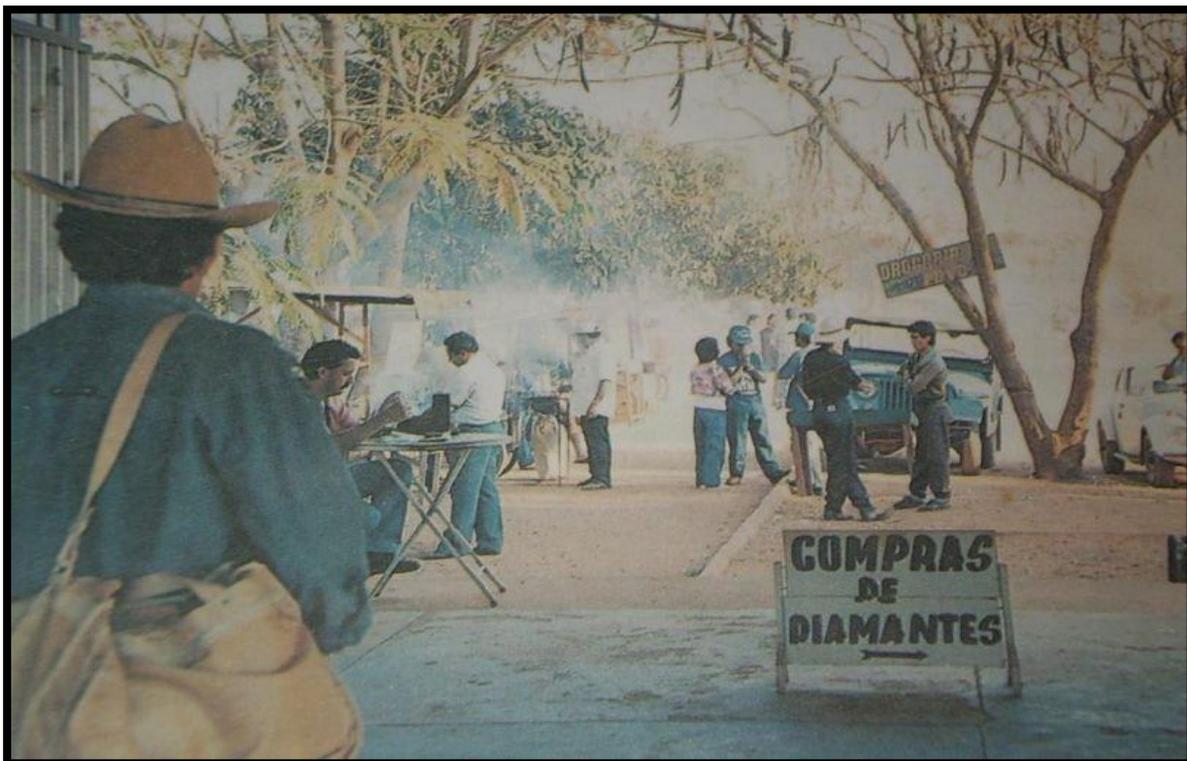


Figura 15-Venda de diamante na Praça central da cidade de Juína MT
Fonte: Lima, SeverinoLuiz de, 2016

O garimpo criou história do município de Juína, fazendo com que essa atividade econômica viesse a ser o ganha pão de milhares de pessoas tanto da cidade quanto da zona rural como também de todas as regiões do entorno e inclusive do exterior alavancando a economia da região naquele período (SANTOS, 2015).

No centro comercial da cidade existe até hoje um prédio chamado de “Bolsa de diamantes” onde funcionou por anos seguidos como local de se comprar e vender o valioso minério (BASTOS e LEMES, 2009).

A cidade de Juína MT recebe muitos imigrantes em busca de uma vida melhor, nos dias atuais conta com muitos comércios e construções civis que fazem parte da metamorfose de seu crescimento, que se se fará necessário devido ao acelerado crescimento da população (SOUZA,2009).

Assim, com o intuito de contribuir para esse desenvolvimento populacional e conseqüentemente da cidade a paisagem se transforma. No centro de Juína encontramos a maioria dessas mudanças, a Avenida Mato Grosso é palco dessa alteração no espaço.

A (Figura 16) demonstra como era a vista do Módulo 01 no ano de 1979, módulo onde se localiza a Avenida Mato Grosso, nela ainda é possível observar que a mata prevalece.



Figura 16-Vista parcial do Módulo 01 em 1979

Fonte: <http://www.juina.mt.leg.br/>

Como podemos perceber, a imagem 16 mostra a abertura e divisão dos módulos o início da colonização do município de Juína, onde predominavam uma densa floresta no ano de 1979.

De acordo com(SOUZA,2009), a paisagem transformada na espacialidade geográfica do centro da cidade, delimitam as modificações para as adequações da infraestrutura como novos comércios, sinalizações das ruas, linhas de transmissão para a energia elétrica entre outros aspectos necessários para o crescimento urbano, econômico e social de um município.

Já a (Figura 17) abaixo mostra a vista aérea da cidade de Juína, sendo possível identificar as modificações na Avenida Mato Grosso, alguns anos após ter iniciado o crescimento social e econômico desse município, sendo possível identificar que mais de trinta anos após sua emancipação política essa cidade passou por algumas mudanças na paisagem, a ascensão comercial e ao seu próprio crescimento populacional.



Figura 17-Vista parcial da cidade de Juína MT na década de 90
Fonte: <http://ipbjuina.comunidades.net/juina>

A (Figura 18) mostra exatamente essas transformações em um dos pontos mais conhecido e antigo da Avenida Mato Grosso, sendo ele o ponto de taxi da cidade, que se localiza na Praça da Bíblia. Nela também pode-se identificar a

paisagem vista de cima da Avenida Mato Grosso na década de 80, na qual se pode ver o extinto Banco Bamerindus, Hotel Caiabí, a Praça da Bíblia e o tradicional ponto de taxi que perdura até os dias de hoje.

Nessa imagem é observável que a cidade começa a se desenvolver, aparecendo às primeiras construções, das quais existem até os dias atuais.



Figura 18-Vista parcial da Avenida Mato Grosso na década de 80
Fonte: Câmara Municipal de Juína, 2016

Já a (Figura 19) destaca a Avenida Mato Grosso na atualidade onde o comércio cresceu e se desenvolveu, nela pode-se fazer o contraponto da imagem a cima, onde ainda permanece o ponto de taxi, porém é observável que foram grandes as transformações na paisagem, pois com o aumento populacional da cidade de Juína, houve uma necessidade do desenvolvimento do comércio local para atender as demandas da sociedade.

A paisagem que mais prevalece na Avenida Mato Grosso nessa época é os pontos comerciais, porém é nítido que a vegetação ainda resiste às transformações decorrentes da ação humana.

Porém, mesmo havendo ainda nesse município muita mata e vegetação, o acelerado e decorrente comércio poderá levar essa cidade a sentir seu efeito no clima, observa-se que a cada ano a cidade está mais quente, que os bichos silvestres aparecem no meio das ruas, devido ao grande desmatamento e ao acelerado crescimento da cidade.

Daí em diante, o comércio de Juína alavancou definitivamente e com o decorrer do tempo a população desenvolveu novas atividades econômicas, em função direta da estrutura urbana iniciada.



Figura 19-Vista parcial da Avenida Mato Grosso no ano de 2016
Fonte: Lima, Severino Luizde, 2016

A (Figura 20) exhibe a Avenida Mato Grosso, vista do alto no final da década de 80, onde a cidade ainda tinha um aspecto meio bucólico sem muita agitação. Pode-se perceber nitidamente a Loja Revolução que até os dias atuais ainda se

localiza no mesmo endereço, resistindo às transformações que ocorreram no passar dos anos, diferentemente de outros comércios que não resistiram às mudanças socioeconômicas que são necessárias para a evolução e progresso de uma cidade em crescimento, como é o caso do Município de Juína.

Outros comércios e parte da Praça da Bíblia também são destacados nesta figura que ilustra o principal centro comercial da cidade de Juína. No entanto, a paisagem natural ainda é a vista a longas léguas, diferentemente desse mesmo local nos dias atuais.

Entretanto, o que se pode perceber com todo esse progresso social e econômico é que a natureza sempre sai em desvantagem quando o assunto é crescimento urbano.



Figura 20-Vista do centro comercial na Av. Mato Grosso, com destaque a Loja A Revolução nos anos 80

Fonte: Câmara Municipal de Juína, 2016

O crescimento da cidade de Juína se desenvolveu gradativamente nas últimas décadas, trazendo o desenvolvimento do setor comercial, como se

pode perceber na figura abaixo, nela se observa o fluxo do movimento da cidade em torno do comércio.

O comércio local é o gerador de grandes empregos diretos e terceirizados na cidade, nos dias atuais o comércio tem variados setores, sendo eles de lojas de confecção, supermercados, lanchonetes, hotéis, calçados e outros setores que alavancam a economia da cidade de Juína.

Nesse viés, entende-se que a Avenida Mato Grosso, além de ser uma das mais bonitas e movimentadas do município é também a que mais se transformou durante os últimos anos, primeiramente com a exploração e venda de diamantes e ouro, que trouxe para essa cidade muitos imigrantes, que procuravam uma vida melhor e até mesmo enriquecer com esses minérios. Dessa forma, a cidade sentiu a necessidade de ter mais comércios que viessem a atender as necessidades e demandas dessa população.



Figura 21-Vista do centro comercial na Av. Mato Grosso em 2016, com destaque a Loja A Revolução
Fonte:Lima, Severino Luiz de, 2016

A (Figura 22) apresenta um dos aspectos causadores das grandes transformações na paisagem da cidade de Juína, sendo um desses aspectos,

oeconômico. Trazendo uma mudança estrutural nas construções civis, nesse caso em específico, as reformas feitas do extinto Banco Bamerindus para o Banco Sicredi na contemporaneidade.

Nos dias atuais essa avenida conta com novas construções e comércios, assim como demonstra a figura abaixo. Nessa avenida se localiza os principais bancos, hotéis e lojas que formam o comércio local, sendo eles um dos responsáveis pelo desenvolvimento econômico do município, portanto, sendo conhecida como o principal centro comercial dessa cidade que alavanca a economia da Cidade de Juína MT.

A mudança metamórfica da paisagem, tanto na Avenida Mato Grosso quanto em relação ao antigo banco apresenta o desenvolvimento econômico e social que ocorreu nesse município desde 1979 até 2016, sendo possível observar as grandes mudanças na paisagem.

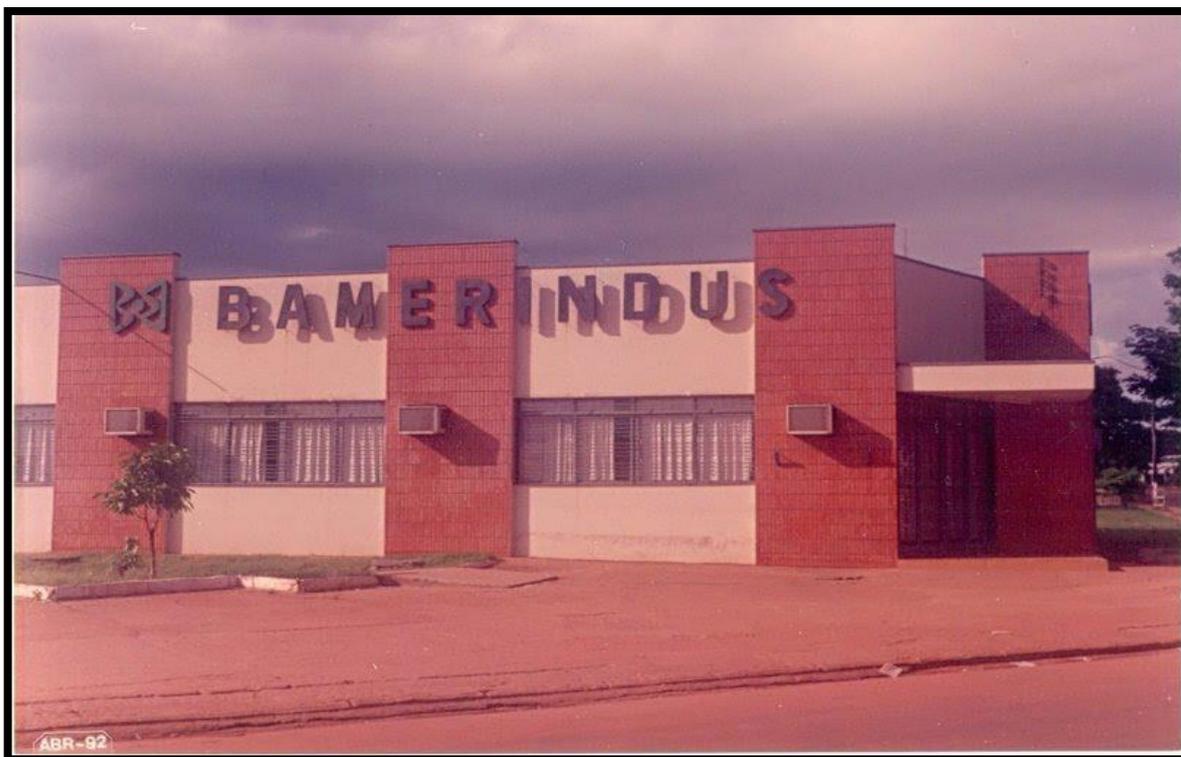


Figura 22-Vista do antigo Banco Bamerindus Juína, localizado na Av. Mato Grosso, na década de 80

Fonte: Câmara Municipal de Juína, 2016

Após fazer a leitura da (Figura 22) é possível observar que são vários os aspectos paisagísticos que foram modificados para o crescimento da cidade. É notável que o aspecto da paisagem seja mais rústico, com poucas modificações ao redor.

Já a (Figura 23) abaixo mostra exatamente o aspecto contrário, ela aparece com uma aparência mais civil, com as construções de pequenos prédios e comércios na Avenida Mato Grosso. Sendo, notável que a paisagem que durante a colonização era mais verde (paisagem natural) dá espaço a estrutura para a construção (paisagem cultural), e desenvolvimento da cidade, e juntamente com ela o comércio, passando, portanto a ser considerada uma paisagem cultural bem diferenciada da paisagem anterior.

Nota-se nessa imagem que a cidade ganha prédios de estruturas grandes, apontando para uma cidade já bem desenvolvida tanto economicamente quanto socialmente.



Figura 23-Vista do Banco Sicredi Juína, localizado na Av. Mato Grosso
Fonte:Lima, Severino Luiz de, 2016

Daí em diante, o comércio de Juína alavancou definitivamente e com o decorrer do tempo a população desenvolveu novas atividades econômicas, em função direta da estrutura urbana iniciada. Entre elas a pecuária e agricultura transformando assim, a relação ser humano e do ecossistema (SOUZA,2009).

No entanto, durante o processo de transformações da paisagem natural para a paisagem cultural, houve uma descentralização, pois a priori o comércio se restringia as vendas de pedras preciosas (diamante e ouro). Com o crescimento populacional a cidade ganha uma nova roupagem, passando a comercializar produtos da agricultura e pecuária.

As mudanças demográficas estão na origem de vários desafios, que diferenciam uma cidade de outra, como o envelhecimento das populações, o povoamento ou os intensos processos de urbanização. Em Juína, essas transformações aparecem com as construções de prédios, casas e os comércios, que trouxeram algumas implicações no cunho social de grande relevância, como por exemplo, o desenvolvimento da cidade (OJIMA e HOGAN, 2008).

Na economia, a relevância não foi menor, pois, acarretou a geração de empregos e o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) do município. Já na política, houve a necessidade da criação de políticas públicas para o benefício da mesma, essas mudanças trouxeram alguns desafios para a comunidade e para a administração como na saúde, o aumento da criminalidade, a necessidade de segurança entre outros(OJIMA e HOGAN,2008).

Observa-se que com o crescimento da população a cidade ganha novos aspectos, tantos físicos como sociais. Essas mudanças se fazem necessário e acarreta para o crescimento urbano. Com o aumento da população, a produtividade tende a ser maior, dando novas oportunidades de emprego e conseqüentemente fornecendo um maior capital e desenvolvimento interno para a cidade.

Todas essas implicações tanto sociais, políticas ou econômicas fazem parte do crescimento de um município, no entanto, para que a cidade se expande as paisagens precisam ser modificadas, as ruas de terras passam a dar espaço as ruas asfaltadas, os pequenas comércios se tonam grandes empresas, as casas se tornam edifícios, sendo essas mudanças fundamental para o desenvolvimento dos

municípios e para tal a paisagem natural passa a ser transformada pelas mãos do ser humano e conceitua-se em paisagem cultural.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho se faz muito importante para o município de Juína MT, pois é um estudo pioneiro, mostrando que houve uma grande mudança na paisagem da cidade, do centro comercial e precisamente na Avenida Mato Grosso que contribuiu para uma paisagem mais urbanizada.

A mudança de uma paisagem a partir do momento que se planeja a construção de uma cidade, é inevitável e desmedida. O município de Juína MT passa por essa metamorfose desde o ano de 1979. No entanto, tais transformações acarretam na construção de casas e comércios, necessários para a vida em sociedade.

O comércio de uma cidade interfere inteiramente na economia da mesma. A economia do município de Juína no início de sua colonização se baseava especificamente no tráfego de pedras preciosas como diamante e o ouro. No entanto, com o passar do tempo, com o desenvolvimento da cidade e o crescimento populacional, houve a necessidade da descentralização da economia municipal vindo então, a agricultura e a pecuária.

Constata-se, porém, nesta pesquisa, que a criação de pastos para a pecuária em Juína MT é uma das maiores problemáticas do aumento das pressões sobre o meio ambiente, bem como a extração de minérios, ainda que seja um mal necessário.

Observou-se através de fotos e mapas da cidade que sua estrutura paisagística era quase que completamente diferente, com quilômetros e quilômetros de densas florestas e árvores muito graúdas e nenhum tipo de saneamento básico. Para a forma mais urbanizada, extinguiu-se quase que completamente as florestas. Vale ressaltar nesta parte, que o desmatamento da cidade é um problema que afeta todo mundo negativamente e deveria ter um planejamento pra planejar ou minimizar esse problema.

Porém essa realidade foi se transformando devido à ação do ser humano, que são imprescindíveis para o crescimento de qualquer município.

Através desse trabalho foi possível observar como era a paisagem dessa cidade nos anos de 1979 e mais precisamente da Avenida Mato Grosso e quais

foram às transformações ocorridas para que ela se tornasse uma das principais Avenidas da cidade no ano de 2016.

Assim, constatou-se que essas mudanças se fazem necessárias para o crescimento da cidade e conseqüentemente do comércio, sendo, eles, portanto, essencial a transformação da paisagem natural para a paisagem cultural.

As metamorfoses ocorridas no centro de Juína MT, mais especificamente na Avenida Mato Grosso, mostra o contraponto da paisagem natural para a paisagem a cultural. Foi possível perceber que essa transformação ocorreu e ainda ocorre na contemporaneidade devido ao crescimento demográfico que conseqüentemente se faz essencial a abertura de novos comércios, acarretando assim, no desenvolvimento social, econômico e político da cidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rodrigo Simas. **Arte rupestre conceitos introdutórios**. 2012. Disponível em: <<http://www.do.ufgd.edu.br/rodrigoaguiar/arterupestre.pdf>> Acesso em: 15 out. 2016.

AMPERJ. **Legislação Constituição da República Federativa Do Brasil DE 1988**. Disponível em: <<http://www.amperj.org.br/store/legislacao/constituicao/crfb.pdf>> Acesso em: 15 out. 2016

AURÉLIO. **O dicionário da língua portuguesa**, 6ª ed. Curitiba, 2008.

BASSI, Rafael José. **Esquecer os favoritismos e os ódios**. AnnaComnena e a historiografia bizantina (séculos XI-XII). 2009. Disponível em: <<http://www.historia.ufpr.br>> Acesso em: 19 out. 2016.

BONAMETTI, João Henrique. **A paisagem urbana como produto do poder**. 2010. Disponível em: <www2.pucpr.br> Acesso em: 19 out. 2016.

BRYTO, SOUZA, PAIVA. **Evolução Histórica Do Comércio: Passado, Presente e Futuro do Diversificado Comércio**. 2012. Disponível em: <<http://franciscoaraymundo.blogspot.com.br/2010/06/o-papel-do-varejo-n>> Acessado em: 02 jun. 2016.

CARVALHO, Lucia Alves. 2008. **A Condição Humana em Tempo de Globalização: A Busca do Sentido da Vida**. Disponível em: <http://www.fsma.edu.br/visoes/ed04/4ed_A_Condicao_Humana_Em_Tempo_De_Globalizacao_Luzia_Alves.pdf> Acesso em: 13 de out. 2016.

CONTI, José Bueno. Geografia e paisagem. **Ciência e Natura**, Santa Maria, v. 36 Ed. Especial, 2014, p. 239–245. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/download/13218/pdf>> Acesso em: 21 out. 2016.

DEÁK, Csaba. **A cidade: do burgo à metrópole**. 1991. Disponível em: <<http://www.fau.usp.br/>> Acesso em: 8 out. 2016.

FABER, Marcos. **História Ilustrada do Feudalismo**. 2011. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/medievalfeudalismo>> Acesso em: 04 out. 2016.

FANI, Ana Alessandri Carlos. **O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Fflch, 2007. Disponível em: <<http://gesp.fflch.usp.br>> Acesso em: 19 out. 2016.

FERREIRA, Leonel Olavo. **HISTORIA DO BRASIL.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

FIGUEREDO, Marcelo. **Transição do Brasil Império à República Velha.** 2001. Disponível em: <http://aloptico.us.es/Araucaria/nro26/monogr26_4.pdf> Acesso em: 13 out. 2016.

GOMES, Laurentino. **1808. Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil.** Disponível em: <<http://www.univas.edu.br/menu/BIBLIOTECA/servicosOferecidos/livrosDigitalizados/historia/1808LaurentinoGomes.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2016.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Paisagens do Brasil.** Rio de Janeiro. 1961. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/paisagensdobrasil.pdf>> Acesso em: 13 out. 2016.

IORIS, Lídio. **JUÍNA A RAINHA DA FLORESTA.** São Paulo: All Print, 2009.

JESUS, Nali de. **Desenvolvimento de outros países: França, Alemanha, Itália, Portugal, Canadá e Austrália.** Disponível em: <<http://www.nalijsouza.web.br>> Acesso em: 23 out. 2016.

MALERBA, Jurandir. **O BRASIL IMPERIAL: 1008-1889 Panorama da História do Brasil no Século XIX.** 1999. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/jurandir-malerba-o-brasil-imperial.pdf>> acesso em: 12 de out 2016

MAMEDE, Lindinalva. Geomorfologia. **Geografares**, Vitória, v. 1, nº 1, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/viewFile/1163/875>> Acesso em: 21 out. 2016.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. Editora UFPR: Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Disponível em: <revistas.ufpr.br/raega/article/download/3391/2719> Acesso em: 21 out 2016.

MIRANDA, Fernando Silveira Melo Plentz. **A Mudança do Paradigma Econômico: A Revolução Industrial e a Positivização do Direito do Trabalho.** Disponível em: <<http://www.facsao Roque.br>> Acesso em: 08 out. 2016.

MORAES, Marcos Antônio de; FRANCO, Paulo, Sérgio Silva. **Geografia econômica: Brasil de Colônia a colônia.** 2ªed. Campinas: Átomo. 2010.

OJIMA, Ricardo; HOGAN, Daniel Joseph. **População, urbanização e ambiente no cenário das mudanças ambientais globais: debates e desafios para a demografia brasileira.** 2008. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008>> Acesso em: 13 nov. 2016.

PERES, Cristiane Pereira. 2014. **Expedições De Conquista: Índios e Colonizadores na Capitania de Mato Grosso no Século.** Disponível em: <http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1411178299_arquivo_texto_completoanphuncristianeperes> Acesso em: 13 nov. 2016.

PEROBELLI, Fernando Salgueiro; HADDAD, Eduardo Amaral; Motta, Gláucia Possas de; FARINAZZO, Rodrigo Antônia. **Estrutura de comércio inter-regional no Brasil: uma análise espacial de insumo produto para o período 1996 e 2002.** Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807171627000.pdf>> Acesso em: 12 out. 2016.

RODRIGUES, Guelfo Luís Munhoz. **A Globalização Comercial – O Comércio No Passado e Presente – Uma Viagem.** Disponível em: <<http://www.univar.edu.br/revista/downloads/globalizacaocomercial.pdf>> Acesso em: 12 out. 2016.

SÁ, Carlos Augusto Trojaner. As Relações entre a Dinamarca e a Liga Hanseática. **Revista Historiador Especial.** Número 01. Ano 03. Julho de 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador>> Acesso em: 19 out. 2016.

SALES, Oneías; SILVEIRA, Fábio; MORAES, João de. Pesquisa, Editoração e Fotografia Consultoria e Apoio Disponível em: <http://linux.alfamaweb.com.brsgwdownloads142_082706_CRUZADAS> Acesso em: 09 out. 2016.

SANTOS, Cesar Julho dos. **O Processo de Multiterritorialização no Noroeste de Mato Grosso: Uma Reflexão sobre os Impactos Sociais nas Vidas de Indígenas, Seringueiros, Colonos e Garimpeiros.** Disponível em:

<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427672094_arquivo_artigoAnpuhJulioCesar.pdf> Acesso em: 09 out. 2016.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **R. RA'E GA**, Editora: UFPR: Curitiba, n.7, p.79-85, 2003. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/viewFile/3353/2689>> Acesso em: 21 out. 2016.

SILVA, Matheus Alves Duarte da. **A Família Real no Rio de Janeiro: Doenças e Práticas Terapêuticas no Período Joanino**. 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/higienesocial/images/stories/arquivos/Texto_apoio_aula_2_-_A_Familia_Real_No_Rio_de_Janeiro.pdf> Acesso em: 19 out. 2016.

SIQUEIRA, Elizabete Madureira. **História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais**. 1ª ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2002

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso**. Cuiabá: Entrelinhas, 2009. Disponível em: <<http://www.entrelinhaseditora.com.br/uploads/produto/pdf/0002762013161854.pdf>> Acesso em: 19 out. 2016.

SIQUEIRA, Marli Aparecida da Silva. **Monografias e Teses das normas ao projeto de pesquisa**. 2ª ed. Brasília: Consulex, 2013.

SOUZA, Adelson Paulo de, 2009 **JUÍNA: O rearranjo do espaço urbano na gestão administrativa de Orlando Pereira – 1983-1988**.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia- Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012. Disponível em: <<http://www.oziris.pro.br/enviados/201342123755.pdf>> Acesso em: 19 out. 2016.

WWF-PROJETOBR ICMBIOMMA 2012 DISPONIVELEM: <http://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/wwf_desenvolv_sust_noroeste_mato_grosso>. Acesso em: 09 out. 2016.